

Criando Filhos

D. M. Lloyd-Jones



FES

O
Modo
de
Deus

Criando Filhos

O Modo de Deus

Quando a luz do evangelho entra na alma, ela traz consigo um poder sobrenatural que radicalmente transforma a vida toda. Talvez essa mudança não seja evidenciada em nenhuma área da vida mais do que nos relacionamentos entre esposos e esposas, pais e filhos. A nossa época tem visto o colapso quase total da vida familiar, quando, em muitos lugares, a maioria das crianças está sendo criada em “lares desfuncionais”.

A nossa sociedade atual apresenta a pais e filhos cristãos uma única oportunidade de testemunhar do amor de Deus, simplesmente por serem diferentes. Poucas coisas são mais poderosas do que uma família cristã na qual o verdadeiro relacionamento entre pais e filhos é claramente demonstrado. Isso pode ser uma das maneiras pelas quais Deus conduzirá muitos ao conhecimento da verdade.

Nascido no sul do País de Gales, o Dr. Lloyd-Jones estudou no hospital São Bartolomeu (Londres) e posteriormente praticou a medicina como assistente do famoso Lorde Horder. Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma igreja presbiteriana em Aberávon, no sul de Gales. Permaneceu ali até 1938, quando então mudou-se para Londres a fim de participar do ministério na Capela de Westminster, junto com o Dr. G. Campbell Morgan. Esse ministério durou por 30 anos, até Dr. Lloyd-Jones aposentar-se em 1968. A partir daí ele passou a exercer um ministério de pregação mais amplo e a escrever livros até pouco antes da sua morte em 1981.



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17
01041-000 – São Paulo – SP

digitalização naldo

CRIANDO FILHOS – o modo de Deus –

D. Martyn Lloyd-Jones



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287 – 01059-970 – São Paulo, SP
www.editorapes.com.br

Título Original:

Raising Children God's Way

Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:

2007

Copyright:

© Lady Catherwood e Sra. Ann Beatt, 2007

Sermões pela Banner of Truth Trust, Edimburgo,
EH12 6EL, Reino Unido

Todos os direitos reservados. Permissão gentilmente
concedida pela Banner of Truth Trust

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Cooperador:

Silas Roberto Nogueira

Capa:

Sergio Luiz Menga

Primeira edição em português:

2008

Impressão:

Imprensa da Fé

ÍNDICE

Introdução da Editora	7
1. Filhos Submissos	11
2. Pais não Cristãos	29
3. A Disciplina e a Mentalidade Moderna	43
4. Disciplina com Equilíbrio	61
5. Educação Cristã no Lar	77

Introdução da Editora

Os cinco sermões neste pequeno livro foram pregados originalmente na Capela de Westminster aos domingos de manhã como parte de uma extensa série de exposições sobre Efésios e já foram publicados.¹ A maneira pela qual o Dr. Lloyd-Jones, seguindo o apóstolo Paulo, trata dos relacionamentos familiares é extremamente importante. Ele insiste que estes assuntos práticos não podem ser compreendidos corretamente à parte das verdades profundas da fé cristã às quais Paulo os relaciona. Esforçar-se para tratar de prática cristã em isolamento desvinculado da doutrina cristã é caminhar por uma estrada perigosa. No conceito de Dr. Lloyd-Jones, o único cristianismo suficientemente poderoso para penetrar e mudar a sociedade é aquele que é derivado da obra do Espírito Santo.

Numa época que tem visto o colapso quase total da vida familiar, quando, em muitos lugares, a maioria das crianças está sendo criada em “lares desfuncionais”, famílias cristãs podem apresentar um testemunho poderoso das realidades sobrenaturais que entraram na vida do mundo mediante o evangelho de Cristo. Dessa maneira elas podem apontar além de assuntos meramente práticos para as mais profundas verdades da existência humana.

¹ A série completa é publicada pela Banner of Truth Trust em 8 volumes. Os sermões neste livro são tirados do sexto volume, *Life in the Spirit* (Vida no Espírito) (Ef. 5:18-6:9). A referida série já foi publicada pela PES em português.

A situação atual, então, pode ser vista como oportunidade valiosa dada aos cristãos, e especialmente às famílias cristãs, para testemunhar da verdade do evangelho. Estes sermões ajudarão consideravelmente em como aproveitar esta oportunidade.

Os publicadores
abril 2007

Criando Filhos

- o modo de Deus -

“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa; para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.”

– Efésios 6:1-4

1. Filhos Submissos

Aqui chegamos, em Efésios 6:1-4, não somente ao começo de um novo capítulo da *Epístola de Paulo aos Efésios*, mas também a uma nova subdivisão, e a um novo assunto – a relação entre filhos e pais. Ao iniciarmos, é muito importante que tenhamos em mente que esta porção é apenas mais uma ilustração do grande princípio estabelecido pelo apóstolo no capítulo anterior¹, e que ele o desenvolve em termos de nossos variados relacionamentos humanos.

Esse princípio é declarado no versículo dezoito do capítulo cinco: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”. Essa é a chave – e tudo que ele diz daí em diante é apenas uma ilustração de como a vida do homem cristão ou da mulher cristã cheio do Espírito, é vivida em vários aspectos. Outro princípio geral subsidiário foi declarado no versículo vinte e um: “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus”.

¹ Originalmente, este capítulo e os capítulos seguintes constituíram parte de uma série de exposições sobre a Epístola aos Efésios, pregados por Dr. Lloyd-Jones aos domingos de manhã em Westminster Chapel, London, entre 1954 e 1962. A série completa é publicada pela Banner of Truth Trust em 8 volumes. Estes sermões foram extraídos do volume 6. A série completa já está em português, publicada pela PES.

Noutras palavras, devemos ter em mente que o apóstolo está afirmando que a vida cristã é uma vida inteiramente nova, totalmente diferente da vida “natural”, mesmo em suas melhores condições. Ele estava primariamente interessado em contrastar esta nova vida com a antiga vida pagã que estas pessoas estiveram vivendo antes de sua conversão; e a diferença é virtualmente a que existe entre o ébrio e o homem cheio do Espírito de Deus. Lembro-lhes isto a fim de salientar o fato de que o que temos aqui não é apenas ética ou moralidade; trata-se da aplicação da doutrina cristã e da verdade cristã.

Tendo desenvolvido este princípio em termos de maridos e esposas, o apóstolo começa agora a fazer o mesmo em termos das relações dentro da família, principalmente as que existem entre pais e filhos e filhos e pais. Todos concordarão que este é um assunto tremendamente importante nos dias atuais. Estamos vivendo num mundo que testemunha um alarmante esfacelamento nas questões de disciplina.

A insubmissão é excessiva, a disciplina entrou em colapso nestas unidades fundamentais da vida – no casamento e nas relações familiares. Há um generalizado espírito de insubmissão, e as coisas que outrora se tomavam mais ou menos como líquidas e certas, atualmente não só estão sendo postas em dúvida e questionadas, mas também estão sendo ridicularizadas e repudiadas. É fora de dúvida que estamos vivendo numa época em que há um fermento do mal agindo ativamente na sociedade toda.

Podemos ir mais longe, e estou simplesmente dizendo uma coisa com a qual todos os observadores da vida concordam, sejam cristãos ou não – e dizer que de muitas maneiras estamos face a face com um total colapso, um total esfacelamento daquilo que se chama “civilização” e sociedade. E não há área de convivência em que isto seja mais evidente e óbvio do que nesta questão do relacionamento entre pais e filhos.

Sei que muito do que estamos testemunhando é provavelmente uma reação contra uma coisa que, infelizmente, era por demais comum no fim da era vitoriana e nos primeiros anos do presente século.² Terei mais a dizer sobre isso mais tarde, porém faço agora esta menção de passagem para salientar com clareza o problema. Sem dúvida há uma reação contra o severo, legalista e quase cruel tipo vitoriano de pai. Não estou escusando a situação atual, entretanto é importante que compreendamos isso e que tentemos rastreá-lo até as suas origens. Mas seja qual for a causa, não há dúvida de que isso faz parte integrante deste colapso em toda a questão de disciplina, lei e ordem.

A Bíblia, em seu ensino e em sua história, diz-nos que isto é uma coisa que sempre acontece nas épocas de irreligiosidade, nas épocas em que não há temor a Deus. Temos um notável exemplo naquilo que o apóstolo Paulo diz sobre o mundo, na Epístola aos Romanos, na segunda metade do primeiro capítulo, do versículo 18 até o fim. Nessa passagem ele faz uma descrição das pavorosas condições do mundo por ocasião do nascimento de Cristo. Eram condições de consumada impiedade. E nas várias manifestações dessa impiedade enumeradas por ele, o apóstolo inclui esta mesma questão que agora estamos considerando. Primeiro ele diz: “Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm” (versículo 28). Segue-se então a descrição – “Estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia...” Nessa lista horrível, Paulo

² O século 20.

inclui esta idéia de desobediência aos pais.

De novo, na sua Segunda Epístola a Timóteo, provavelmente a última carta escrita por ele, vemo-lo dizer, no capítulo 3, no versículo primeiro: “nos últimos dias sobrevirão tempos “trabalhosos”. Em seguida ele expõe as características desses tempos: “Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural” – até isso já se foi – “irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus”.

Nos dois casos o apóstolo nos faz lembrar que numa época de apostasia, numa época de grosseira impiedade e irreligião, quando os próprios fundamentos se abalam, uma das mais chocantes manifestações de impiedade é “desobedientes a pais e mães”. Assim, não é nem um pouco surpreendente que ele chame a atenção para isso aqui, quando nos dá ilustrações de como a vida “cheia do Espírito” de Deus se manifesta.

Quando será que as autoridades civis ouvirão e compreenderão que há uma indissolúvel ligação entre a impiedade e a falta de moralidade e de comportamento decente? Há uma ordem nestas coisas. “Porque do céu se manifesta a ira de Deus”, diz o apóstolo em Romanos 1:18, “sobre toda a impiedade e injustiça dos homens”. Se existe a impiedade, sempre existirá a injustiça.

Contudo, a tragédia é que as autoridades civis – independentemente do partido político que esteja no poder – parecem todas mais governadas pela psicologia moderna do que pelas Escrituras. Todas elas estão convencidas de que podem lidar com a injustiça diretamente, pelo que ela é em si mesma. Mas isso é impossível. A injustiça é sempre resultante da impiedade; e a única esperança de recuperar algum grau de justiça na vida é haver um avivamento da piedade. É precisamente isso o que o apóstolo está dizendo aos efésios e a nós outros.

Os períodos melhores e moralmente superiores da história deste país (Inglaterra), e de todos os demais países, sempre foram os períodos subseqüentes a poderosos despertamentos religiosos. Este problema de insubmissão e de falta de disciplina, o problema da infância e da juventude, simplesmente não se fazia presente cinquenta anos atrás como se faz hoje. Por que? Porque a vigorosa tradição do Despertamento Evangélico do século 18 ainda estava produzindo seus efeitos. No entanto, como isso passou, estes terríveis problemas morais e sociais estão de volta, como o apóstolo nos ensina, e como sempre voltaram através dos séculos.

Portanto, as condições atuais exigem que examinemos a exortação do apóstolo. Acredito que os pais e os filhos cristãos, as famílias cristãs, têm uma oportunidade única de testemunhar ao mundo hoje simplesmente por serem diferentes. Podemos ser verdadeiros evangelistas demonstrando em nosso viver esta disciplina, esta lei e ordem, esta genuína relação entre pais e filhos. Podemos ser instrumentos nas mãos de Deus para levar muitos ao conhecimento da verdade. Pensemos, pois, nisso dessa maneira.

Há, porém, uma segunda razão pela qual todos temos necessidade deste ensino, porquanto, segundo as Escrituras, não é só necessário aos que não são cristãos do modo como venho indicando, mas também o povo cristão precisa desta exortação porque muitas vezes o diabo entra em cena neste ponto de modo mais sutil e procura fazer-nos desviar da rota cristã. No capítulo quinze do Evangelho Segundo Mateus, o Senhor Jesus Se dedica a tratar deste ponto com as pessoas religiosas dos Seus dias, porque, de maneira muito sutil, estavam se evadindo de uma das claras injunções dos Dez Mandamentos. Os Dez Mandamentos os mandavam honrar seus pais, respeitá-los e cuidar deles; porém o que estava acontecendo era que algumas dessas pessoas, que se diziam

hiper-religiosas, em vez de fazer o que o mandamento lhes dizia, declaravam, noutras palavras: “Ah, dediquei este meu dinheiro ao Senhor; portanto, não posso cuidar de vocês, meus pais”! Assim se expressa Cristo: “vós dizeis: se um homem disser ao pai ou à mãe: aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta ao Senhor” (Marcos 7: 11). Diziam: “Isto é Corbã, isto é dedicado ao Senhor. Claro que eu gostaria de cuidar de vocês, de ajudá-los, e assim por diante, no entanto dediquei isto ao Senhor”. Dessa maneira estavam negligenciando seus pais e seus deveres para com eles.

Esse era um perigo sutil, e esse perigo continua presente conosco. Há jovens que estão fazendo grande dano à Causa cristã por se deixarem iludir por satanás neste ponto. São rudes para com seus pais e, o que é mais grave, são rudes para com seus pais em termos das suas idéias cristãs e do seu serviço cristão. Assim, são pedras de tropeço para os pais não convertidos. Tais cristãos não conseguem ver que não deixamos de lado estes grandes mandamentos quando nos tomamos cristãos, mas que, ao contrário, devemos vivê-los e exemplificá-los em nosso viver mais do que anteriormente.

Notemos, pois, à luz destas coisas, como o apóstolo expõe o assunto. Ele começa – fazendo uso do mesmo princípio utilizado no caso da relação matrimonial – com os filhos. Quer dizer que ele começa com aqueles que devem prestar obediência, que devem sujeitar-se. Ele começara com as esposas, seguindo depois com os maridos. Aqui ele começa com os filhos, e depois prossegue com os pais. Ele age assim porque está ilustrando este ponto fundamental: “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus”. A injunção é: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais”. E depois lhes lembra o mandamento: “Honra a teu pai e a tua mãe”.

Notamos de passagem o interessante ponto que temos aqui, mais uma vez, algo que diferencia o cristianismo do paganismo. Nestas questões os pagãos não ligavam a mãe ao

pai, mas só falavam do pai. Entretanto, a posição cristã, como na verdade a posição judaica, nos termos dados por Deus a Moisés, coloca a mãe com o pai. A injunção é que os filhos devem obedecer aos pais, e a palavra “obedecer” significa não somente dar ouvidos a, e sim dar ouvidos com a compreensão de estar sob autoridade, dar ouvidos “sob”. É ver com respeito um mandamento, e não somente dar-lhe ouvidos; é reconhecer a posição de subserviência a ele e tratar de pô-lo em prática.

É sumamente importante, porém, que isto seja governado e dominado pela idéia de “honrar”. “Honra a teu pai e a tua mãe”. Isso significa “respeitar”, “reverenciar”. É uma parte essencial do mandamento. Os filhos não devem dar aos pais uma obediência mecânica e com má vontade. Isso é completamente errôneo; é observar a letra, e não o espírito. Foi o que o Senhor condenou tão fortemente nos fariseus. Não, eles devem observar o espírito bem como a letra da lei. Os filhos devem reverenciar e respeitar seus pais. Devem dar-se conta da situação que prevalece entre eles, e devem alegrar-se com isso. Devem considerá-lo um grande privilégio e, portanto, devem sempre esforçar-se para mostrar esta reverência, este respeito em todas as suas ações.

O apelo dirigido pelo apóstolo implica que os filhos cristãos devem constituir um total contraste com os filhos dos incrédulos, que geralmente mostram falta de reverência para com seus pais, e perguntam: “Quem são eles?”, “Por que eu deveria dar-lhes ouvidos?” Consideram seus pais como “ultrapassados”, e os tratam desrespeitosamente. Firmam-se em seus direitos e em seu “modernismo” em tudo que se refere à conduta.

Isso estava acontecendo na sociedade pagã da qual estes efésios eram oriundos, e está acontecendo na sociedade pagã que nos cerca nos dias atuais.

Lemos constantemente nos jornais sobre como esta insubmissão está se alastrando, e como as crianças, dizem eles,

“estão amadurecendo mais cedo”. Isto não existe, é claro. A fisiologia não muda. O que está mudando é a mentalidade e as perspectivas que levam à agressividade, à insubmissão ao governo dos princípios e dos ensinamentos bíblicos. Ouve-se falar disso por todos os lados – de jovens que falam desrespeitosamente com seus pais, que os olham com desrespeito, que zombam de tudo que eles falam, e que se firmam nos seus direitos.

Esta é uma das mais feias manifestações da pecaminosidade e da rebeldia da época atual. Pois bem, acima disso e contra todo esse comportamento, diz o apóstolo: “Filhos, obedecem aos seus pais; honrem seu pai e sua mãe, tratem-nos com respeito e reverência, mostrem que compreendem a sua posição e o que ela significa”.

Vejamos, porém, as razões pelas quais o apóstolo dá essa injunção. A primeira é – e sigo esta ordem particular por um motivo que aparecerá mais tarde – “Porque isto é justo”. Com isto ele quer dizer: é justo, é algo essencialmente certo e bom em si mesmo. Será que vocês ficam surpresos pelo apóstolo expressar-se desse modo? Há certos cristãos – indivíduos que geralmente se arrogam incomum grau de espiritualidade – que sempre fazem objeção a esta espécie de raciocínio. Dizem eles: “Eu não penso mais segundo o nível natural; agora sou cristão”.

Mas o grande apóstolo não falava dessa maneira. Diz ele: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais”. Por que eu deveria obedecer a meus pais?, pergunta alguém. Sua primeira resposta é: “Porque isto é justo”; é certo fazer isso. O cristão não despreza o nível natural; ele começa com esse nível.

O que Paulo quer dizer por “justo” é, noutras palavras, o seguinte: retomar à ordem da criação estabelecida no princípio, no livro de Gênesis. Já vimos que, ao tratar do assunto sobre maridos e esposas, ele fizera exatamente a mesma coisa, retrocedendo e citando o capítulo dois de Gênesis: “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher; e

serão dois numa carne”. Não hesitara, ao tratar da relação matrimonial, em dizer, com efeito: “Só lhes estou pedindo que façam o que é fundamental, o que é natural, o que prevalece desde o princípio, no concernente a homem e mulher, a marido e esposa”.

E agora ele nos diz que, quanto a esta questão de filhos, o princípio básico está lá no começo, sempre foi assim, faz parte da ordem da natureza, é um dos componentes das regras fundamentais da vida. Isso é algo que se vê não somente entre os seres humanos; opera até mesmo entre os animais. No mundo animal, a mãe cuida do filhote recém-nascido, vigia-o, alimenta-o, protege-o. Não somente isso; ela o ensina a fazer várias coisas – ensina a avezinha a usar suas asas, o animalzinho a andar, embora tropeçando, a esforçar-se, a lutar. Esta é a ordem da natureza. A tenra criatura, em sua fraqueza e ignorância, necessita da proteção, da direção, do auxílio e da instrução que os pais lhe dão. Portanto, diz o apóstolo, “sede obedientes a vossos pais... porque isto é justo”. Os cristãos não estão divorciados da ordem natural que se acha em toda parte na criação.

É triste ter que dizer isto a cristãos. Como é possível se desviarem, neste ou naquele ponto, de uma coisa que é tão patentemente óbvia e que pertence à ordem e ao curso da natureza? Mesmo a sabedoria do mundo reconhece isto. Há pessoas ao nosso redor que não são cristãs, porém que são firmes crentes na disciplina e na ordem.

Por que? Porque tudo na vida e tudo na natureza indicam isto. Ora, a prole ser rebelde contra os seus pais e recusar-se a ouvi-los e obedecer-lhes, isso é ridículo e tolo. Às vezes vemos animais fazendo isso e achamos divertido. Todavia, quanto mais ridículo é quando quem faz esse tipo de coisa é um ser humano! Os filhos não obedecerem aos pais é antinatural; com isso estão violando algo que evidentemente faz parte da tessitura da natureza humana e que se vê em toda parte,

de cima a baixo. A vida foi planejada sobre esta base. E, naturalmente, se não fosse, logo se tornaria caótica e sua existência teria fim.

“Isto é justo”! Há algo sobre este aspecto do ensino do Novo Testamento que me parece deveras maravilhoso. Ele demonstra que não se deve separar o Velho Testamento do Novo. Não há nada que manifeste maior ignorância do que um cristão dizer: “Claro, como agora sou cristão, não estou interessado no Velho Testamento”. Isso está completamente errado porque, como o apóstolo nos lembra aqui, o Deus que criou todas as coisas no princípio é o Deus que salva. É o mesmo e único Deus do princípio ao fim. Deus criou o homem e a mulher, os pais e os filhos, em toda área da natureza. Ele o fez dessa maneira, e a vida é para funcionar segundo estes princípios. Assim, o apóstolo inicia a sua exortação dizendo virtualmente: “Isto é justo, isto é básico, isto é fundamental, isto faz parte da ordem da natureza. Não se afastem disso; se o fizerem, estarão negando o seu cristianismo, estarão negando o Deus que estabeleceu a vida dessa forma e a fez funcionar de acordo com estes princípios. A obediência é justa.”

Pois bem, tendo falado assim, o apóstolo parte para o seu segundo ponto. Isto não é somente justo, diz ele, é também “o primeiro mandamento com promessa”. “Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa.” O que ele quer dizer é que honrar os pais não só é essencialmente correto, mas também é de fato uma das coisas que Deus assinalou nos Dez Mandamentos. Este é o quinto mandamento, “Honra a teu pai e a tua mãe”.

Eis aqui, de novo, um ponto interessante. Num sentido não havia nada de novo nos Dez Mandamentos. Então, por que foram dados? Pela seguinte razão: a humanidade, os filhos de Israel inclusive, em seu pecado e em sua loucura, tinha-se esquecido e se extraviado destas leis fundamentais de Deus pertinentes à totalidade da vida. Portanto, foi como

se Deus dissesse: “Vou declará-los outra vez, um por um; vou escrevê-los e sublinhá-los para que as pessoas os vejam claramente”. Sempre fora errado ser desobediente aos pais; sempre fora errado furtar e cometer adultério. Essas leis não passaram a existir quando foram outorgados os Dez Mandamentos. O que os Dez Mandamentos foram destinados a fazer era inculcá-las na mente do povo, colocá-las claramente e dizer: “Estas são as coisas que deverão observar”. O primeiro mandamento com promessa, o quinto do Decálogo! Deus agiu de maneira incomum para chamar a atenção para isso.

O que o apóstolo quer dizer com a expressão “primeiro mandamento com promessa”? É uma questão difícil, e não podemos dar uma resposta definitiva e final. Obviamente não significa que este é o primeiro mandamento com uma promessa anexada a ele, pois é de se notar que nenhum dos outros mandamentos traz uma promessa anexa. Se fosse certo dizer que os mandamentos 6,7,8,9 e 10 trazem promessas anexas, poderíamos dizer: Paulo, por certo, quer dizer que este é o “primeiro” dos mandamentos a que Deus juntou uma promessa”. Mas não há promessa ligada aos outros, de modo que esse sentido não prevalece.

Então, o que significa? Talvez queira dizer que neste quinto mandamento começamos a receber instrução com respeito às nossas relações uns com os outros. Até aqui se trata das nossas relações com Deus, com Seu nome, com Seu dia, e assim por diante. Entretanto, aqui Ele pende para as nossas relações uns com os outros; assim pode ser o primeiro, naquele sentido. Sobretudo, porém, pode significar que é o primeiro mandamento, não tanto quanto à ordem numérica, mas quanto à categoria, no sentido de que Deus estava desejoso de inculcar isto nas mentes dos filhos de Israel em tal medida, que acrescentou esta promessa para que o mandamento fosse cumprido. O primeiro em categoria, poderíamos dizer, o

primeiro em importância! Não que definitivamente algum deles seja mais importante que os outros, pois todos são importantes. Não obstante, há uma importância relativa e, daí, vejo-o desse modo, esta é uma daquelas leis que, quando negligenciada, leva ao colapso da sociedade.

Gostemos disso ou não, o esfacelamento da vida doméstica levará finalmente ao esfacelamento em todas as áreas. Este é seguramente, o mais perigoso e o mais ameaçador aspecto das condições da sociedade nos tempos atuais. Uma vez que se destrua a idéia de família, a unidade familiar, a vida em família – uma vez que isto se vá, logo não haverá nenhuma outra forma de lealdade. Esta é a coisa mais grave de todas. E talvez seja esta a razão pela qual Deus tenha anexado esta promessa ao quinto mandamento.

Contudo, eu creio que aqui se sugere mais uma idéia. Há algo sobre esta relação de filhos e pais que é único, no sentido de que aponta para uma relação mais elevada. Afinal de contas, Deus é nosso Pai. Esse é o termo que Ele mesmo emprega; esse é o termo que o Senhor Jesus utiliza em Sua oração modelar – “Pai nosso, que estás nos céus”. O pai terreno é, pois, por assim dizer, uma lembrança daquele outro Pai, do Pai celestial. Na relação dos filhos com os pais temos um quadro descritivo da relação original da humanidade com Deus. Somos todos “filhos” quando face a face com Deus. Ele é nosso Pai, “somos também sua geração” (Atos 17:28). Assim, de maneira maravilhosa, a relação entre o pai e o filho é uma réplica e uma figura, um retrato, uma pregação de toda esta relação que subsiste especialmente entre Deus e os que são cristãos.

No capítulo três desta Epístola há uma referência a este assunto, nos versículos catorze e quinze. Diz o apóstolo: “por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome”. Alguns dizem que a tradução aqui deveria ser: “Deus é o Pai de todos os pais”. Seja isso correto ou

não, há de qualquer forma a sugestão de que a relação de pai e filho sempre deve fazer-nos lembrar nossa relação com Deus. Nesse sentido, esta relação em particular é única. Isto não se aplica à relação de marido e mulher que, como já vimos, lembra-nos de Cristo e a Igreja. Mas esta outra relação nos lembra de Deus como Pai, e a nós como filhos. Há algo de muito sagrado acerca da família, acerca desta relação entre pais e filhos; e Deus, podemos assim dizer, nos disse isso nos Dez Mandamentos. Quando Ele estabeleceu este mandamento, “Honra a teu pai e a tua mãe”, anexou ao mandamento uma promessa.

Que promessa? “Para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra”. Não pode haver dúvida de que, quando a promessa foi dada originariamente aos filhos de Israel, significava o seguinte: “Se querem viver nesta terra da promessa para a qual os estou levando, observem e guardem estes mandamentos, este em particular. Se querem ter um longo período de bem-aventurança e felicidade naquela terra prometida, se querem viver lá sob a minha bênção, observem e guardem estes mandamentos, particularmente este”. Não há dúvida de que foi essa a promessa original.

No entanto, agora o apóstolo generaliza a promessa porque está lidando aqui com gentios, como também com judeus, que se haviam tornado cristãos. Assim, ele diz, noutras palavras: “Se querem que tudo esteja bem com vocês, e se querem ter uma vida longa e farta na terra, honrem a seu pai e a sua mãe.” Acaso quer dizer então que, se eu for um filho ou filha obediente, necessariamente vou ter vida longa? Não, não há essa decorrência. Mas certamente a promessa significa que, se você quiser ter uma vida abençoada, uma vida abundante sob a bênção de Deus, observe e guarde este mandamento. Deus poderá decidir mantê-lo durante longo tempo na terra como um exemplo e uma ilustração. Entretanto, seja qual for a sua idade quando deixar este mundo,

saberá que está sob a bênção e a mão dadivosa de Deus.

Não devemos considerar estas coisas de maneira mecânica. O que se quer transmitir é que agradam a Deus as pessoas que guardam este mandamento, e que, se nós nos aplicarmos a guardar estes mandamentos, e em particular este, pelo motivo certo, Deus nos verá com agrado, sorrirá para nós e nos abençoará. Graças a Deus por esta promessa!

Isso nos traz ao terceiro e último ponto. Vocês vêem como Paulo se expressa: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais. Honra a teu pai e a tua mãe”. A natureza o ordena, mas não somente a natureza; a Lei o ordena. Mas devemos ir além – à graça! Esta é a ordem – natureza, lei, graça. “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais *no Senhor*”. É importante ligar a frase “no Senhor” à palavra certa. Não é “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor”. E, antes, “Vós, filhos, sede obedientes no Senhor a vossos pais.” Noutras palavras, o apóstolo está repetindo o que dissera no caso dos maridos e das esposas. “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, *como ao Senhor*.” “Vós, maridos, amai vossas mulheres, *como também Cristo amou a igreja*.”

Quando chegarmos às palavras apostólicas sobre os servos, vê-lo-emos dizer: “Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne... *como a Cristo*”. Isso é o que significa *no Senhor*. Noutras palavras, este é o motivo supremo. Devemos obedecer a nossos pais, honrá-los e respeitá-los porque isso faz parte da nossa obediência a nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Em última instância, é por isso que devemos fazê-lo. A natureza o ordena, a Lei o salienta, porém, como cristãos, temos mais este motivo, esta grande e poderosa razão – Cristo nos pede que o façamos; é Seu mandamento; é uma das maneiras pelas quais demonstramos nosso relacionamento com Ele e nossa obediência a Ele. “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais, *como ao Senhor*”. Existem as referidas razões subsidiárias, mas vocês não devem deter-se nelas; devem

obedecer ao mandamento por amor a Cristo.

Aqui, de novo, permitam-me acentuar o fato de que este é um ensino altamente típico do Novo Testamento. O cristianismo nunca põe de lado a natureza. Não me entendam mal; não me refiro à “natureza decaída”. Refiro-me à “natureza” que originariamente Deus criou e ordenou. O cristianismo jamais contradiz a natureza nesse sentido. Havia pessoas, nos primórdios da era cristã, que pensavam que sim, e mesmo quanto à relação matrimonial. Paulo teve que escrever o capítulo sete de 1 Coríntios por essa razão. Alguns, em Corinto, estavam argumentando deste modo: “Tomei-me cristão, mas minha esposa não. Então, como sou cristão e ela não, vou deixá-la”. E as esposas diziam a mesma coisa. Mas isso está errado, afirma Paulo. O cristianismo nunca nos impõe que neguemos ou que contrariemos a natureza; não fomos destinados a ser antinaturais. O que o cristianismo faz é elevar e santificar o natural.

A mesma coisa é válida quanto à Lei. O cristianismo não põe de lado a Lei como retrato da vida. O que faz é acrescentar-lhe graça, capacitando-nos a cumprir a Lei. Aos filhos diz: “Honra a teu pai e a tua mãe”. A Lei deu essa ordem, o cristianismo faz o mesmo; todavia esse nos dá um motivo ainda maior para obedecê-la, dá-nos discernimento e compreensão disso. Nós, que somos cristãos, estamos cientes de que o fazemos “como ao Senhor”, ao Senhor que desceu do céu. Ele desceu do céu para honrar a Lei do Seu Pai. Ele guardou a Lei, viveu de acordo com a Lei. E nos redimiu para que pudéssemos ser “um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14), para que pudéssemos “cumprir” a Lei. Ele Se entregou por nós “para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito” (Romanos 8:4). A graça eleva o mandamento ao nível mais alto, e devemos obedecer a nossos pais, honrá-los e respeitá-los, para agradar ao nosso Senhor e Salvador, que nos

vê. O apóstolo já havia dito isso no capítulo três, versículo 10, de Efésios: “Para que agora, *pela igreja*, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus”. Porventura vocês se dão conta de que quando os anjos, os principados e as potestades olham para nós, povo cristão, e nos vêem exemplificando estas coisas em nossa vida diária, admiram-se de que Ele, o Filho, tenha conseguido formar de nós um tal povo, capacitando-nos a viver de acordo com os mandamentos de Deus num mundo pecaminoso como este?

Façam-no “como ao Senhor”. Obedeçam ao pai e à mãe “no Senhor”. Esse é, de todos, o mais nobre e o maior incentivo. Dá prazer ao Senhor; é uma comprovação do que Ele disse; estamos consubstanciando o Seu ensino. Ele disse que veio ao mundo para redimir-nos, para lavar-nos dos nossos pecados, para dar-nos uma nova natureza, para transformar-nos em novos homens e novas mulheres. Pois bem, diz o apóstolo, provem isso, mostrem isso na prática. Filhos, mostrem isso obedecendo aos seus pais; vocês serão diferentes de todos os outros tipos de filhos; serão diferentes daqueles filhos arrogantes, agressivos, vaidosos, jactanciosos e maldizentes que os rodeiam nos dias atuais. Mostrem que são diferentes, que o Espírito de Deus está em vocês, que vocês pertencem a Cristo. Vocês têm uma oportunidade maravilhosa; e isto dará ao Senhor grande alegria e grande prazer.

Vamos, no entanto, mais longe ainda. “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais” por este motivo também, que quando Cristo estava neste mundo, Ele o fazia. E o que vemos em Lucas 2:51: “E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito”. Estas palavras se referem ao Senhor Jesus aos doze anos de idade. Ele tinha ido a Jerusalém com José e Maria. Faziam a viagem de volta, e tinham viajado durante um dia, antes de descobrirem que Ele não estava entre os viajores. Regressaram

e O encontraram no templo arrazoando com os doutores da Lei, argumentando com eles e interrogando-os, refutando-os e deixando-os confusos, abalados e espantados. Disse Ele: “Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” Ele tivera sua realização inicial com doze anos de idade. Mas depois se nos diz que Ele voltou com eles para Nazaré – “E desceu com eles para Nazaré, e era-lhes sujeito”. O Filho de Deus encarnado sujeitando-Se a José e Maria! Embora tendo no íntimo a consciência de que estava no mundo para tratar dos negócios de Seu Pai, humilhou-Se e foi obediente aos Seus pais. Contemplemo-la, demo-nos conta de que Ele estava fazendo isso principalmente para agradar a Seu Pai no céu, para que pudesse cumprir Sua Lei em todos os aspectos e deixar-nos exemplo, para seguirmos os Seus passos.

Aí vocês têm, pois, as razões desta injunção, e certamente nada mais há que dizer. É justo cumpri-la. É uma determinação da natureza. A injunção foi estabelecida pela Lei de Deus, subscrita e sublinhada. Agradar ao Senhor. A obediência é prova de que somos semelhantes a Ele, pois estamos fazendo o que Ele mesmo fez quando esteve aqui neste mundo pecaminoso e mau. Queira Deus iluminar-nos, a todos e a cada um de nós, para que vejamos a importância de observar e guardar esta injunção!

Veremos que, como sempre, o apóstolo prossegue. Seu ensino é equilibrado, de modo que ele também tem uma palavra para os pais. O que dissemos pode ser mal entendido. Se os pais se detiverem aí, far-se-ão culpados de grave incompreensão. Paulo ainda não terminou; ainda virá uma palavra para os pais. Mas até aqui a palavra é para os filhos. E quando lermos isto à luz do que o apóstolo diz aos pais, seremos capazes, talvez, de tratar de alguns dos problemas que confrontam certos filhos, não importa de que idade, cujos pais não são cristãos e que ficam a indagar o que fazer. Queira Deus dar-nos graça para observarmos esta injunção!

2. Pais não Cristãos

Vimos que este assunto, sobre os pais e seus filhos, que é sempre importante, é extraordinariamente importante na época atual. E é importante para todos nós. Não diz respeito apenas aos filhos como tais, e aos jovens; e não somente aos casais que têm filhos; é um assunto pertinente e aplicável a todos nós. Há algo particularmente patético no fato de que certos cristãos parecem manter-se alheios a estas questões. Tenho ouvido falar de alguns, por exemplo, que acham que o assunto do relacionamento de maridos e esposas não tem nada a ver com eles porque não são casados. Isso é de entristecer, porque, casados ou não, pais ou não, os cristãos devem interessar-se pelos princípios da verdade. Além disso, se você não é casado, pode ter um amigo casado que esteja em dificuldade quanto à sua vida conjugal; assim, se você pretende agir como cristão, deve ser capaz de ajudar essa pessoa. Para isso, você precisa saber como dar ajuda, e só poderá descobrir como prestar ajuda mediante a compreensão do ensino escriturístico. Portanto, ninguém deve desligar-se e achar que não tem nada a ver com tal problema. Você pode ser solteiro ou solteira, ou, tendo-se casado, pode não ter filhos, mas deve ter simpatia e compaixão pelos que são pais na presente época deste difícil mundo moderno. É seu dever e sua tarefa ajudá-los e dar-lhes assistência. Estas injunções particulares não se destinam

somente a pessoas particulares; são para todos nós.

Mas, além de tudo, devemos estar interessados na ampla exposição da verdade divina e em observar como Deus, em Sua infinita bondade, sabedoria e complacência vem ao nosso encontro nas várias situações que enfrentamos em nosso jornada por este mundo. As próprias autoridades civis reconhecem a importância do problema todo no presente. Uma importante comissão encarregada de toda a questão da educação declarou recentemente que um dos problemas mais urgentes com que se defronta a Inglaterra hoje é o esfacelamento do lar e da vida em família. Portanto, estamos vendo uma coisa da qual todo o futuro da sociedade, e deste país, poderá depender. De todas as pessoas, nós, cristãos, é que devemos dar urgente atenção a estas questões para podermos dar exemplo para os outros e mostrar-lhes como se vive como filhos e pais, e como a família e a vida doméstica devem ser conduzidas.

Até aqui estivemos examinando a situação somente do ponto de vista dos filhos, e a injunção a eles dada é que sejam obedientes a seus pais. Entretanto, aqui no versículo quatro, o apóstolo nos apresenta o outro lado. “E vós, pais”, diz ele, “não provoqueis a ira a vossos filhos.” Não é que este acréscimo neutralize o que o apóstolo dissera acerca dos filhos; antes, é dado para salvaguardar isso, e para tirar todo obstáculo que acaso esteja no caminho da obediência dos filhos aos seus pais. É outra notável ilustração do equilíbrio e da equidade das Escrituras. Como poderia alguém, diante deste equilíbrio perfeito, desta equidade, desta constante colocação dos dois lados justapostos – como poderia alguém negar que esta é a inspirada Palavra de Deus? Temos visto o seu caráter divino no caso dos maridos e das esposas, e aqui o vemos de novo no caso dos pais e dos filhos; e o veremos mais tarde, no caso dos senhores e dos servos.

A obediência exigida dos filhos deve ser prestada a toda

espécie de pai. Há pais sobre os quais pesa a culpa de provocarem seus filhos à ira. Ora, deixemos claro que o ensino do apóstolo é que os filhos devem obedecer mesmo a esses pais. É uma exortação geral. A ordem deve ser obedecida independentemente do caráter dos pais, e se aplica até ao caso de pais não cristãos (incrédulos).

Quero examinar cuidadosamente este aspecto do assunto porque posso dizer honestamente, baseado numa longa experiência pastoral, que este é um dos problemas mais comuns de que tenho tratado, quando as pessoas vinham falar-me das dificuldades em sua vida pessoal. Vocês se lembram do que o Senhor Jesus disse em Mateus 10:34: “Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada”. Disse Ele que o Seu ensino não ia abrandar as coisas, porém, antes, ia criar divisão entre pai e filho, mãe e filha, e assim por diante, sendo este o motivo, que quando uma pessoa se torna cristã, ocorre uma mudança tão profunda que imediatamente produz efeito em todas as esferas. E não há área em que se sinta isto mais agudamente do que a das relações mais íntimas e mais pessoais; pois no momento em que a pessoa se torna cristã, compreende que a lealdade final é a Deus e ao Senhor Jesus Cristo. Isso inevitavelmente tem seus efeitos sobre todas as outras formas de lealdade. Por isso diz o Senhor que Ele será uma causa de divisão – “E assim os inimigos do homem serão os seus familiares” (Mateus 10:36). É preciso estar preparado, diz Ele, para estas possibilidades, e a experiência prática comprova a situação.

O problema que surge agudamente e com freqüência é o de filhos que se tornaram cristãos e seus pais não. Surge imediatamente um estado de tensão. Que deverão fazer estes filhos? Como deverão comportar-se? Estou simplesmente salientando que o apóstolo diz que estes filhos, estes jovens devem obedecer ao mandamento. O que ele está dizendo é: “Filhos, sejam obedientes a seus pais, quer sejam cristãos

quer não, não importa como eles sejam”. É uma exortação geral, uma injunção geral; mas, infelizmente, é um ponto em que grande dano inconsciente tantas vezes é feito por muitos jovens cristãos. Há, talvez, mais falhas neste ponto do que noutro qualquer. Como se conduzirão estes filhos quanto a seus pais não cristãos? Esse é o problema. Inconscientemente esses filhos causam, com freqüência, muito dano por não entenderem o ensino bíblico sobre este ponto, e por falta de equilíbrio em toda a sua perspectiva. Muitas vezes eles são a causa do antagonismo dos seus pais para com a fé cristã. Esta é, pois, uma questão importantíssima.

Há apenas uma ressalva que é preciso acrescentar a esta injunção geral, “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais”, e essa ressalva refere-se a quando nossa relação com Deus está envolvida num sentido vital. Peso minhas palavras com particular cuidado neste ponto. Se os seus pais estão querendo proibi-lo de cultuar a Deus e de Lhe prestar obediência, nesse caso não obedeça a seus pais. Se deliberadamente eles o estão incitando ou tentando compeli-lo ao pecado, a praticar atos pecaminosos, outra vez você deve recusar obediência. No entanto, essa é a única ressalva.

Fora disso (e dou ênfase ao fato), devemos ir aos últimos limites; e mesmo nesta questão quando temos de encarar a questão quanto a eles estarem bloqueando nossa relação com Deus, devemos ir até os últimos limites da conciliação e da concessão.

É justamente aqui, vejo-o na experiência pastoral, que muitos entram em dificuldades. O que quero dizer é que muitos, como cristãos, se firmam em coisas que para mim são pormenores completamente sem importância. Certamente isso é muito natural. Somos extremistas por natureza; e, havendo nos tornado cristãos, sabemos exatamente como devemos viver. Nosso grande perigo nesse ponto – e o diabo sem dúvida entra aí – é firmar-nos em pontos totalmente ridículos,

realmente secundários, e que não afetam em nada a nossa posição cristã.

Deixem-me dar-lhes uma ilustração. É o que acontece freqüentemente, conforme minha experiência, sobre a questão da cerimônia religiosa de casamento, ou sobre tudo que se refere ao matrimônio. Dois jovens cristãos decidem casar-se e, em ambos os casos, os pais não são cristãos. Os dois jovens cristãos desejam ardentemente que a ocasião venha a ser um excelente exemplo de casamento cristão, e tencionam convidar os seus amigos cristãos para a cerimônia. Todavia, como é natural, os pais também estarão presentes – estes pais não cristãos, dos dois lados – e igualmente alguns dos seus amigos e parentes que não são cristãos. Tenho visto com muita freqüência que a tendência destes excelentes jovens cristãos é de fincar o pé em minúcias insignificantes da cerimônia religiosa, e acabam fazendo mais mal do que bem. Noutras palavras, dizem eles que tudo terá de ser exclusivamente cristão, evangélico; e tendem a exercer tanta pressão sobre isso, que acabam ofendendo os incrédulos que se acham presentes.

É justamente aí, penso eu, que eles deixam de exercer o juízo e de pôr em prática o equilíbrio que se vê nas Escrituras. Naturalmente deverá haver uma cerimônia nupcial evangélica, mas há muitos detalhes incidentais nos arranjos que me parecem simplesmente indiferentes. Se havemos de ser verdadeiramente cristãos, devemos fazer as concessões que pudermos, e devemos fazer o possível para facilitar as coisas para os outros, na esperança de que, quando eles virem o que realmente é um casamento cristão, sintam-se atraídos para a fé. Contudo, se tomarmos uma posição rígida e não fizermos nenhuma concessão nalgum ponto ou nalgum detalhe, e teimarmos em que tudo deverá ser feito à nossa maneira – noutras palavras, se estivermos mais interessados em causar boa impressão aos nossos amigos cristãos do que

em ajudar nossos pais incrédulos – então não estaremos cumprindo esta injunção apostólica de obediência a nossos pais. É o que quero dizer quando falo de firmeza somente nas questões verdadeiramente vitais, e não meramente em minúcias triviais e incidentais.

Ademais, é importante que, quando nos firmamos numa posição, que o façamos num espírito correto. Ao nos firmarmos nalgum princípio cristão, jamais deveremos fazê-lo de maneira desdenhosa ou impaciente. Muito menos de maneira arrogante ou crítica. Muitas vezes nos traímos pela maneira como dizemos as coisas. Tenho notado que as pessoas que têm esse defeito, freqüentemente manifestam sua atitude errada até quando discutem comigo os arranjos para as bodas. Com um sorriso forçado, dizem-me: “Naturalmente, meus pais não são cristãos”; e os deixam de lado pura e simplesmente. No momento em que a pessoa fala desse jeito, sei que já está no erro. É quase certo que qualquer posição que tal pessoa queira tomar sobre bases cristãs será inútil, e terá a probabilidade de fazer muito mais mal do que bem. Se os seus pais não são crentes, não fale sobre eles daquela maneira, não os repudie, não fale com descaso acerca deles. Você deve sentir-se pesaroso por eles e, portanto, precisa falar deles com pesar e tristeza. Mas acho que demasiadamente existem falatório e dureza anticristãos.

Tais “filhos” não estão obedecendo a seus pais, não estão honrando seu pai e sua mãe. Você deve honrar seu pai e sua mãe, sejam eles cristãos ou não; essa é a injunção.

Muitas vezes é difícil, porém essa é a injunção; e reitero que só há uma ressalva, a saber, o ponto em que eles tentem definida e deliberadamente impedi-lo de adorar a Deus e de servi-LO, ou tentem deliberadamente levá-lo a cometer algum pecado. O espírito com que agimos nesse ponto é de vital importância; e toda vez que chegarmos ao ponto onde somos forçados a resistir e desobedecer, devemos fazê-lo de tal

maneira que eles percebam que isso nos entristece e nos magoa, que o lamentamos, e que para nós é uma terrível decisão. Para um filho ter de resistir ao pai é uma das coisas mais solenes e mais graves que se possa requerer que façamos nesta vida; por conseguinte, sempre que seja feito em nome de Cristo e de Deus, deve ser feito com o coração quebrantado. Devemos fazer com que os nossos pais sintam que isto nos está magoando, está nos causando pesar e nos está custando muito, que cortaríamos a nossa mão direita para evitá-lo; mas que não temos escolha nessa questão.

Se for feito dessa maneira, poderá ser utilizado por Deus para influenciá-los; entretanto, se for feito com arrogância, desdém e censura, certamente causará dano. Não terá valor algum e afastará as pessoas de Cristo, fará com que pensem e digam: “Desde que estes filhos se tomaram cristãos, mostraram-se cabeçudos, sabichões, duros, rígidos e legalistas”. Isso colocará uma terrível barreira entre eles e a perspectiva de chegarem ao conhecimento de Deus e de nosso Senhor e Salvador. Toda posição que formos compelidos a tomar, sempre deverá ser tomada com o coração partido, com espírito abatido e humilde. Devemos fazê-los sentir que os nossos corações estão sangrando quando somos compelidos por esta coisa maravilhosa que Deus nos fez, e que nos levou a opor-nos aos nossos pais. Sempre devemos pensar desse modo.

Permitam-me dar algumas razões pelas quais devemos agir assim para podermos ser auxiliados e guiados quando nos acharmos nessa situação. Por que deverá o cristão portar-se da maneira que estive indicando, tanto negativa como positivamente? A resposta é, porque o filho cristão deve ser o melhor tipo de filho que existe. Essa é uma afirmação geral, uma afirmação universal. Seja o que for que o cristão fizer, deve fazê-lo o melhor que puder. Firmo isto como uma proposição geral. O filho cristão deve ser melhor do que qualquer outro filho, o marido cristão, o melhor marido, a

esposa cristã, a melhor esposa, a família cristã, o melhor tipo de família de todo o mundo, o negociante cristão, o melhor homem de negócio concebível, o profissional cristão, o melhor em sua profissão. Não digo isso do ponto de vista da habilidade, e sim de todos os outros aspectos. Tudo que o cristão faz deve ser feito com todas as suas forças, com uma eficácia e com um entendimento de que ninguém mais seja capaz.

Naturalmente é isso que deve estar por trás de todas essas injunções pormenorizadas que estamos estudando. O cristão, lembrem-se, é um homem cheio do Espírito. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”. Ora, quando um filho é “cheio do Espírito”, por definição esse filho será exemplar, será um filho absolutamente melhor do que qualquer outro que não tenha essa experiência.

A que, então, isso nos leva? A conclusão de que os filhos cristãos devem ser os melhores do mundo, porque unicamente eles têm uma real e verdadeira compreensão desta relação. Há um esfacelamento da família e da vida doméstica hoje porque ambos os lados, os pais e os filhos, não entendem o sentido destas coisas. Nada sabem da relação de pais e filhos do ângulo bíblico. Não podem ver estas coisas “no Senhor”, como nós devemos vê-las; porém, desde que estamos “no Senhor”, temos um novo entendimento destas coisas. Vemos que esta relação de pai e filho é um reflexo e um quadro descritivo da relação de Deus e o cristão, que é Seu filho. Assim, temos esta noção exaltada, elevada da paternidade e da relação dos filhos com seus pais. Posto que unicamente o filho cristão (ou filha) compreende estas questões e esta relação, ele ou ela sempre deve sobrepujar os outros na prática. Como cristãos, não agimos automaticamente. O cristão sempre sabe por que faz o que faz. Ele tem suas razões, tem estas explicações e exposições das Escrituras; ele entende a situação.

Então é somente o cristão que tem o espírito certo

“enchei-vos do Espírito”. Todo o problema nestas questões é, em última análise, um problema de espírito. A atitude moderna é, “Por que eu deveria dar ouvidos aos meus pais? Quem são eles? Ultrapassados ou, em todo caso, antiquados! De que é que eles entendem?” Esse é o espírito que está causando muito problema hoje em dia. Por outro lado, os pais são igualmente culpados da mesma falha quanto ao espírito correto. “estes filhos são um estorvo”, dizem eles muitas vezes. “Gostaríamos de sair à noite, como era nosso costume, porém chegaram os filhos e não podemos fazer mais isso.” O espírito já está errado, e é por isso que há tantos fracassos. Estes problemas são todos questões do “espírito”, e é por isso que os patéticos políticos e estadistas, com os seus Atos do Parlamento, não estão nem começando a ver a natureza do problema com que estão lidando. Não se pode legislar sobre estas questões; é questão de espírito.

É muito importante que o filho cristão tenha o espírito certo nestas questões; e a última coisa de que deveria ser culpado é de um espírito egoísta. Já me referi a isso anteriormente. Aqui está uma situação muito delicada. Estes jovens cristãos estão para se casar, e aí estão estes pais não cristãos. A tentação que vem a estes jovens crentes é, “Devo insistir nisto e naquilo; sou cristão, entendo disso e, portanto, tudo deve ser feito como digo”. O espírito já está errado. O seu desejo é fazer o que você considera certo, mas, que dizer destes outros? “Digo, porém, a consciência, não a tua, mas a do outro.” “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm” (1 Coríntios 10:23,29). Que dizer do irmão mais fraco? Que dizer daquele que nem sequer é cristão? Acaso não se deverá ter nenhuma consideração para com eles? Seu único interesse é que tudo seja feito de tal maneira que se veja que você está absolutamente certo e cumpriu a letra da lei nos mínimos detalhes? Essa é a essência do farisaísmo! Esse é o espírito que “dizima a hortelã, o endro e todo tipo de ervas, e esquece

as coisas mais importantes da lei, tais como o amor e a misericórdia”. Conceda-nos Deus sabedoria nestas questões! Tenho visto tanto dano feito à causa de Cristo por se falhar neste ponto, que lhe dou ênfase especial. Jamais devemos agir com espírito egoístico e de justiça própria.

Deixem-me, porém, acrescentar mais uma coisa. O cristão está numa posição excepcionalmente vantajosa nestas coisas porque, como cristão, há de entender as dificuldades dos seus pais. Tomem o caso de filhos não crentes entrando em conflito com seus pais não crentes. Que acontece? Imediatamente há um choque de personalidades, um choque das vontades, e os dois lados não se entendem de modo nenhum. O filho diz: “Os pais não têm direito de dizer isto”; e os pais olham para os filhos e dizem: “estes filhos são impossíveis, estão completamente errados”. Os dois lados mantêm posição radical, sem nenhuma tentativa para compreender o ponto de vista oposto. Todavia, nunca se deveria ter base para dizer isso do cristão. Ele leva esta grande vantagem sobre aquele que não é cristão: na qualidade de cristão, compete-lhe saber por que os seus pais não podem compreendê-lo e por que se comportam desse modo. Não os considera apenas como pais difíceis, não se preocupa apenas com as personalidades deles. Ao invés disso, como cristão, ele diz: “Naturalmente, em certo sentido eles não podem fazer outra coisa; é muito triste, é trágico, porém não devo ficar aborrecido com eles porque eles não têm a mínima possibilidade de ver a questão segundo a posição cristã. Eles não são cristãos, e pedir-lhes que assumam a posição cristã quando não são cristãos, é pedir-lhes o impossível. Eu mesmo já estive nessa situação; eu era cego. Graças a Deus, os meus olhos foram abertos e agora vejo o caminho certo; mas eles não vêem, pelo que devo ter simpatia por eles e tentar compreendê-los. Devo fazer-lhes toda concessão possível, ajudá-los até o máximo e agradá-los”.

Essa é a vantagem de que o cristão desfruta. “Vós, filhos,

sede obedientes a vossos pais no Senhor”; você tem esta compreensão. Não se limite a opor-se, como uma personalidade contra outra; veja que é a cegueira do pecado que está causando o problema. Não os veja simplesmente como pais que estão contra você; veja, antes, o pecado que se intromete e causa a divisão. Foi isso que nosso Senhor quis dizer sobre “trazer espada” e causar esse tipo de divisão. Não devemos ficar surpresos com isso, nem devemos reagir violentamente. Nossa abordagem da questão toda deve ser com espírito de compreensão e simpatia.

Isso leva ao meu último motivo. Façamos eu e você o que fizermos como cristãos, façamos o que fizermos como filhos cristãos, toda vez que nos pusermos contra este choque, esta divisão, e nos acharmos até compelidos a dizer, “Não”, a nossos pais, devemos estar sempre certos de que aquilo que predomina em nossas mentes nesse ponto é o interesse pelas almas dos nossos pais. “Honra a teu pai e a tua mãe”. O fato de vocês agora serem cristãos e eles não, não significa que vocês devam zombar deles, tratá-los com descaso e desdém, e repudiá-los. É seu dever honrá-los, e vocês poderão honrá-los mais que tudo estando preocupado com as suas almas. Se como povo cristão não nos interessarmos em nosso espírito e em nosso coração pelas almas daqueles que se acham ligados a nós nesta relação tão íntima, então não estaremos obedecendo aos nossos pais, não estaremos “honrado nosso pai e nossa mãe” do modo indicado pelas Escrituras.

Tratemos, pois, de salvar-nos com estas considerações, da frívola, superficial e mecânica espécie de conduta que freqüentemente nos é recomendada, senão imposta, por pessoas cristãs bem intencionadas mas ignorantes. Há muitos assim. Dizem eles: “Agora que você é convertido, é isso que deve fazer”, e quase chegam a animá-lo a voltar-se contra os seus pais. Jamais lhes permita fazê-lo. Estas normas e leis fundamentais duram e permanecem. A única divisão

legítima é a causada por Cristo. Jamais deveremos criar divisões; devemos fazer o máximo para evitá-las, e devemos ir até os últimos limites para evitá-las. A única divisão válida é aquela inevitável e tremenda divisão feita pela espada do Espírito manejada pelo Filho de Deus, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Jamais devemos fazer-nos difíceis, jamais devemos fincar pé em coisas irrelevantes; jamais devemos fazer qualquer coisa que cause divisão. A única divisão inevitável e permissível é aquela, produzida pela espada que o Senhor Jesus disse que veio trazer (Mateus 10:34-38).

Voltamos agora a nossa atenção para os pais. “Pais”, diz o apóstolo, “E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos”. Notem que ele só menciona os pais, sem incluir as mães. Ele acabara de citar as palavras da Lei – “Honra a teu pai e a tua mãe” – mas agora distingue os pais porque todo o seu ensino é que, como já vimos, o pai é aquele que ocupa a posição de autoridade. É isso que sempre vemos no Velho Testamento; é como sempre Deus ensinou as pessoas a comportar-se; assim, naturalmente, Paulo dirige esta injunção particular aos pais. Mas não é para limitar-se aos pais; inclui as mães também; e numa época como a nossa, chegamos a uma situação em que a ordem quase se inverteu! Vivemos numa espécie de sociedade matriarcal em que os maridos, infelizmente, abdicaram de tal maneira a sua posição no lar, que quase tudo está sendo deixado com as mães. Portanto, temos que compreender que o que aqui se diz aos pais aplica-se igualmente às mães. Aplica-se a quem está na posição de ter que exercer a disciplina. Noutras palavras, o que nos apresenta este versículo quatro, e está implícito nos versículos anteriores, é todo o problema da disciplina.

Devemos examinar cuidadosamente este assunto e, por certo, é um assunto bastante extenso. Não há assunto, volto a dizê-lo, de importância tão urgente neste país, e em todos os outros países, como todo este problema de disciplina. Estamos

presenciando um colapso da sociedade, e isto ocorre principalmente em conexão com esta questão de disciplina. Nós a temos em casa, nós a temos nas escolas, nós a temos na indústria; está em toda parte. O problema confrontado pela sociedade hoje, em todas as atividades da vida é, em última análise, o problema da disciplina. Responsabilidade, relações, como conduzir a vida, como deve transcorrer a vida! Todo o futuro da civilização, parece-me, repousa nisto. A pregação não tem como propósito principal tratar das questões políticas e sociais, embora possamos lançar importante luz sobre elas.

Dizem que a mais importante divisão do mundo atual é a produzida pela “Cortina de Ferro”. Em vista disso, aventure-me a fazer esta asserção, esta profecia: se o Ocidente cair e for derrotado, será por uma única razão – corrupção interna. Não há problema de disciplina do outro lado porque há uma ditadura lá e, portanto, eles têm que mostrar eficiência. Nós não acreditamos na ditadura; não há, pois, nada mais importante para nós do que o problema da disciplina. Se continuarmos a gastar nossas vidas em festas, trabalhando cada vez menos e exigindo cada vez mais dinheiro, cada vez mais prazer e uma pretensa felicidade, cada vez mais indulgência para com as luxúrias da carne, recusando a aceitar nossas responsabilidades, haverá um só resultado – fracasso abjeto e total.

Por que os godos, os vândalos e outros bárbaros conquistaram o Império Romano? Por terem poder militar superior? Claro que não! Os historiadores sabem que há somente uma resposta: a queda de Roma sobreveio em razão do espírito de indulgência que invadira o mundo romano – os jogos, os prazeres, os banhos. A corrupção moral que penetrara no coração do Império Romano foi a causa do declínio e queda” de Roma. Não foi um poder de fora, e sim a corrupção interna que causou a ruína de Roma. E o fato realmente alarmante hoje é que estamos presenciando uma decadência semelhante, neste e na maioria dos outros países ocidentais.

Este relaxamento, esta indisciplina, toda a perspectiva e o espírito atuais são característicos de um período de decadência. A mania de prazer, a mania de esportes, a mania de bebidas e drogas têm escravizado as multidões. Este é o problema essencial, esta completa ausência de disciplina, de ordem, de verdadeiras noções de governo!

Ao que me parece, estas questões são levantadas com muita clareza por meio daquilo que o apóstolo nos diz aqui, e prosseguirei para apresentá-las pormenorizadamente, a fim de mostrar como as Escrituras nos esclarecem com relação a elas. Antes de fazê-lo, porém, permitam-me mencionar algo que ajudará e estimulará todo o seu processo de pensamento. Um dos nossos problemas atuais é que não pensamos mais por nós mesmos. Os jornais o fazem por nós, as pessoas entrevistadas no rádio e na televisão o fazem por nós, e nós nos sentamos e escutamos. Essa é uma das manifestações do colapso da autodisciplina. Precisamos aprender a disciplinar as nossas mentes. Portanto, farei duas citações das Escrituras, uma sobre um lado, outra sobre o outro lado desta situação toda. O problema da disciplina está entre ambos. Eis o limite de um lado: “O que retém a sua vara aborrece (ou “odeia”) a seu filho” (Provérbios 13:24). O outro é: “Pais, não provoqueis a ira a vossos filhos”. Todo o problema da disciplina está entre estes dois limites, e ambos se acham nas Escrituras.

Equacionem o problema nas Escrituras, procurem apegar-se aos grandes princípios bíblicos que comandam esta vital, esta urgente questão, este enorme problema que confronta todas as nações ocidentais, se não outras também, nesta hora. Todos os nossos problemas resultam do fato de que vamos a um extremo ou ao outro. Isso nunca se vê nas Escrituras. O que caracteriza o ensino das Escrituras, sempre e em toda parte, é seu equilíbrio perfeito, uma eqüidade que nunca falha, a maneira extraordinária pela qual a graça e a lei se combinam. Consideraremos estas questões pormenorizadamente.

3. A Disciplina e a Mentalidade Moderna

Continuamos nosso estudo daquilo que constitui uma das questões básicas e fundamentais concernentes à totalidade da vida e da conduta. É um problema não só para o povo cristão, mas também para a sociedade toda. O que particularmente nos afeta, a nós cristãos, é que, como as Escrituras no-lo recordam, somos postos como “luzeiros no mundo” (Filipenses 2:15) como “sal” da sociedade, e como “cidade edificada sobre um monte” (Mateus 5:13-14). Não há esperança para o mundo à parte da luz que lhe vem do ensino cristão. É, pois, duplamente importante que, como cristãos, observemos diligentemente e tratemos de compreender o ensino apostólico. Cabe-nos dar exemplo ao mundo sobre como se deve viver verdadeiramente a vida. E temos uma oportunidade única, eu acho, numa época como esta, de mostrar o conceito cristão, bíblico e equilibrado concernente a este tormentoso problema de disciplina.

Este urgente problema não se limita, é claro, à questão dos filhos. O mesmo princípio está implícito na atitude moderna para com o crime, a guerra e toda e qualquer forma de punição, cujo princípio faz parte do mesmo e mais amplo problema. Aqui, porém, estamos vendo como ele afeta em

particular a disciplina dos filhos e a disciplina do lar. Temos visto que há duas exortações fundamentais que parecem governar todo pensamento genuíno acerca desta questão de disciplina. De um lado, temos a conhecida exortação, “Quem poupa a vara estraga a criança” (cf. Provérbios 13:24), e as outras formas dessa exortação que se encontram em vários pontos do livro de Provérbios e nas demais partes da literatura da “Sabedoria” do Velho Testamento. Esse é um lado. O outro é, “Pais, não provoqueis a ira a vossos filhos”. Existem as duas posições fundamentais. Dentro da elipse formada entre estes dois focos acharemos a doutrina bíblica concernente a este assunto.

Primeiramente o examinaremos de modo geral. O que nos choca logo de início é a grande mudança que se operou durante o presente século quanto a todo este problema de disciplina, e especialmente durante os últimos trinta anos, aproximadamente. Mas isto vem ocorrendo durante este século todo. Tem ocorrido uma revolução completa na atitude das pessoas para com este assunto.

Anteriormente havia o que o povo hoje gosta de apelidar zombeteiramente de perspectiva vitoriana com relação a esta problemática da disciplina. Admitamos pronta e francamente que não há nenhuma dúvida de que era excessiva. Era repressiva, às vezes brutal, na verdade se pode dizer que às vezes era até desumana. O pai vitoriano e o avô vitoriano são tipos bem conhecidos e reconhecíveis. Havia um elemento – na verdade um elemento considerável – de tirania em sua concepção da paternidade e da disciplina familiar. Os filhos eram dirigidos severa e rigorosamente, e se costumava dizer: “Os filhos são para serem vistos, e não ouvidos”. Certamente essa idéia era posta em ação. Os filhos não tinham permissão para expressar suas opiniões, e às vezes nem fazer perguntas; era-lhes dito o que fazer, e eles tinham que fazê-lo; e se recusavam, eram punidos com muita severidade. Não

precisamos tomar muito tempo com isto; tem sido atacado, ridicularizado e caricaturado tanto, que seguramente todo o mundo já está familiarizada com o quadro. Na maioria, provavelmente, não somos suficientemente idosos para lembrar-nos disso na prática, exceto aqueles que, digamos, já passaram dos sessenta anos de idade; entretanto, todos nós conhecemos bem a descrição geral e a idéia. Essa era a situação há cerca de um século, e continuou até à Primeira Guerra Mundial, mais ou menos.

No entanto, desde então tem havido uma mudança total; hoje somos confrontados por uma situação que é quase o exato oposto, pois agora nos inclinamos a eliminar completamente a disciplina. Como eu já disse, faz parte de uma atitude geral para com a guerra, para com o crime, para com a punição em geral, e principalmente para com o castigo físico e a pena capital.

Introduziu-se uma nova atmosfera que rejeita por completo as idéias que constituíam a perspectiva vitoriana. Na verdade, podemos descrever isto como uma oposição às idéias de justiça e retidão, de ira e punição. Todos estes termos são abominados e odiados. Em geral, o homem moderno tem radical aversão por elas. Vemos isso exemplificado em nossos jornais, nas tendências que se pode observar nos Atos do Parlamento, e nas mudanças que se introduzem crescentemente. Raramente se ouvem estes grandes vocábulos – integridade, verdade, justiça, retidão. As palavras muito usadas hoje são paz, felicidade, prazer, repouso, tolerância. O homem moderno tem se revoltado contra os grandiosos termos que sempre caracterizaram os tempos heróicos da história da humanidade, porém em grande parte é uma reação contra as severidades da era vitoriana.

O que torna a situação tão grave é que geralmente esta atitude é apresentada em termos do cristianismo, e especialmente em termos do ensino do Novo Testamento, e isso, em

particular, em contraste com o ensino do Velho Testamento. Muitas vezes a situação é descrita assim: “Naturalmente, o problema com aqueles vitorianos era, como aconteceu com os puritanos, que eles viviam no Velho Testamento, adoravam o Deus do Velho Testamento. “Todavia”, acrescentam, “é evidente que nós não cremos mais nisso; seu Deus não passava de um Deus tribal; esse não é o Deus do cristão, não é o *Pai* de Jesus”. Alegam que estas idéias modernas concernentes à disciplina estão baseadas no Novo Testamento, e que eles têm a verdadeira concepção neotestamentária de Deus. Portanto, não estão interessados, dizem eles, em justiça e retidão, em ira e punição. Nada importa, a não ser o amor e a compreensão.

Este é o ponto em que tudo se torna tão grave. E é interessante notar que homens que nem sequer reivindicam ser cristãos estão dizendo estas coisas. Pode-se até ler declarações em livros, artigos e periódicos que não hesitam em afirmar que a posição cristã geralmente está sendo expressa hoje, não pela Igreja, e sim por alguns dos escritores infieis e populares, livre-pensadores, que franca e declaradamente não são cristãos. Dizem-nos que a causa cristã vai mal, que a Igreja não a está promovendo, e que na verdade o cristianismo está sendo apresentado hoje por homens de fora da Igreja. Diz-se que eles estão fazendo a verdadeira exposição do ensino do Novo Testamento, contrariamente ao ensino do Velho Testamento. Existe esta curiosa aliança de algumas pessoas que se chamam cristãs, e outras que afirmam abertamente que não são cristãs; mas juntas concordam que o cristianismo e o Novo Testamento ensinam este conceito moderno quanto à disciplina, e que, portanto, estão afastadas do antigo conceito vitoriano, e particularmente do conceito típico do Velho Testamento.

Resumindo, podemos dizer que a idéia básica subjacente a este conceito é que a natureza humana é essencialmente boa. Essa é a filosofia fundamental. Daí, o que é necessário é

induzir, encorajar e desenvolver a personalidade da criança. Portanto, não deve haver nenhuma repulsa, nenhum domínio; não deve haver nenhuma punição, e nenhuma administração de corretivos porque isso tende a ser repressivo. Sendo esse o princípio dominante, naturalmente produz os efeitos correspondentes em todos os departamentos da vida.

Vejam, por exemplo, os métodos de ensino. Esta é, certamente, uma das questões mais urgentes com que a Inglaterra se defronta hoje. Durante os últimos vinte anos, aproximadamente, os métodos de ensino têm sido determinados quase inteiramente por esta maneira de ver, por esta nova psicologia que considera a natureza humana como essencialmente boa. A idéia é que não se pode forçar ou coagir a criança. Uma das primeiras personalidades a descrever este ensino foi a doutora Maria Montessori, cujo método de ensino, a grosso modo, chegou a isto – que devemos deixar que as crianças decidam por si mesmas e escolham por si mesmas o que querem aprender. É certo que antes da época dela o método era compulsório, e as pessoas tinham de usá-lo, querendo ou não. As crianças tinham de aprender de cor a tabuada, e muitas outras coisas. Isso era feito mecanicamente, sem nenhuma tentativa de torná-lo interessante para as crianças. Simplesmente lhes diziam que tinham que aprender o alfabeto, a tabuada e a gramática. Tudo era metido nos ouvidos delas, e elas tinham de repeti-lo mecanicamente até o saberem de memória e poderem repeti-lo de cor.

Ora, tudo isso está completamente errado, dizem-nos, porque não desenvolve a personalidade da criança. É preciso que o ensino seja interessante, e que tudo seja explicado à criança. Ela não deve aprender a matéria de maneira mecânica, mas deve compreender o que está aprendendo; estas são as explicações que nos dão. O método antigo foi descartado em termos deste novo conceito da natureza humana, desta nova atitude para com a vida que se diz cristã. Assim, na

questão da teoria e dos métodos educacionais, houve esta profunda revolução. Agora estamos começando a descobrir alguns dos seus resultados. Vocês vêem industriais e outros reclamando de que muitos que se candidatam a cargos de auxiliar de escritório e datilógrafo não sabem soletrar ou ignoram a simples aritmética. A minha preocupação, porém, não é com os resultados práticos e econômicos, e sim com os princípios subjacentes.

Ainda, com respeito à questão da punição, isso também veio a ser, em grande parte, uma coisa do passado. Dizem-nos que não devemos punir; que devemos apelar para as crianças, mostrar-lhes o erro, defrontá-las com um bom exemplo e, depois, recompensá-las positivamente. Devemos conceder, por certo, que há uma boa dose de verdade em tudo isso, porém o perigo é que geralmente os homens vão de um extremo ao outro, e hoje em dia, em grande parte, a noção de punição desapareceu. De fato, há alguns que insistem nesta noção até o ponto de dizer que nunca se deve punir uma criança. Alguns chegam a dizer que, se uma criança fizer algo de errado, devemos receber o castigo em lugar dela; com isso, envergonhará a criança e a levará a abandonar essa prática errônea e má. Lembro-me muito bem de que, há uns trinta anos, um homem pôs isso literalmente em prática em sua família. Ele tinha um filho que, como todos os filhos, era freqüentemente dado à desobediência e a fazer coisas erradas; mas este homem, havendo-se apegado a esta nova teoria, decidiu que não castigaria mais a criança, de jeito nenhum, e sim aplicaria o castigo a si próprio. Por exemplo, em vez de punir o filho, ele, o pai, não jantaria no dia da falta praticada. Devo acrescentar que a experiência não durou muito tempo. No interesse da sua própria saúde, logo teve que retomar ao velho método!

Essa é uma ilustração típica da atitude moderna. A natureza humana, alegam, é essencialmente boa, e você apenas deve

apelar para o que há de melhor e mais elevado nela. Jamais será preciso punir, jamais reprimir, jamais exercer disciplina. Basta que você exponha o ideal e que sofra em si mesmo o castigo pelo mal praticado por outros; e os ofensores reagirão bem. Pessoas desse tipo acreditavam que se tivessem agido desse modo com Hitler, não teria havido guerra; poderiam ter mudado Hitler se o tivessem procurado e falado com ele com delicadeza e bondade, e lhe tivessem mostrado como estavam prontos a sofrer. Havia um pregador muito popular em Londres, antes da Segunda Guerra Mundial, que de fato propôs que ele e alguns outros fossem colocar-se entre os exércitos do Japão e da China, que estavam em combate naquele tempo. Não o fizeram, mas estavam convencidos de que, se tão-somente se postassem entre aqueles exércitos rivais, e se sacrificassem, a guerra terminaria imediatamente.

Isso tudo, reitero, está baseado na idéia de que a natureza humana é essencialmente boa; assim, você só tem que apelar para ela. Nunca precisará recorrer a castigos. E se chegar a aplicar algum castigo, que ele nunca seja corporal; dizem-nos, o castigo deve ser reformatório. Este é um ponto interessante. O novo conceito é que a ação punitiva – se tanto se pode dizer em seu favor – visa a reformar, não exercer retribuição ou desforra. Dizem-nos que sempre devemos ser positivos, que sempre devemos pretender estruturar um novo tipo de personalidade e de caráter.

Que resultado dá? Vejam a questão das prisões. A idéia moderna é que o trabalho das prisões não é punir os transgressores, mas reformá-los. Assim, cada vez mais nos dizem que o que é necessário nas prisões é a abolição de restrições e castigos. Devemos abolir o chicote e todas as formas de castigo corporal, e as prisões devem ser dirigidas por psiquiatras. A prisão é um lugar em que o homem deve receber tratamento psicológico e psiquiátrico. Não se deve punir o prisioneiro

pelo que ele fez porque essencialmente é um bom homem. O que se deve fazer é estruturar a bondade que existe nele e induzi-la, fazê-la externar-se. Mostrem a ele o mal e o erro de certas idéias que ele tem, e daquilo que ele tem feito contra a sociedade, e logo virá a reconhecer os seus erros e a abandoná-los. A grande necessidade é estruturar “o outro lado”. E assim, por meio do tratamento psiquiátrico, o homem será reformado e o seu caráter e a sua personalidade serão estruturados.

Essa é a idéia dominante hoje quanto ao tratamento do crime e sua punição. A pena capital foi abolida, todas as formas de punição corporal precisam ser abolidas; na verdade, toda espécie de severidade precisa ser abolida; todas a ênfase deve ser dada a este tratamento pela psiquiatria – a abordagem psicológica, a estruturação, o trabalho fundado neste algo positivo que há na natureza humana!

E, naturalmente, a mesma idéia entra na questão do manejo das crianças. Toda a tendência hoje, se uma criança não se porta na escola como deve, é de enviá-la a um psiquiatra de crianças; todas precisam receber tratamento psicológico. Essencialmente todas são boas; portanto, não deve haver punição. Deve-se jogar fora a vara, a bengala. O que é preciso é induzir, extrair este bem inerente e oculto. Daí, quando o professor não consegue manter a disciplina, a criança é enviada ao psiquiatra, ao psicólogo de crianças, para exame e prescrição do tratamento apropriado.

O que ressaltado é que tudo isso está sendo feito em nome do cristianismo, e com a alegação de que é o Novo Testamento contra o Velho Testamento. Esta, segundo se nos diz, é a abordagem que Cristo faz destas questões. Portanto, em muitos sentidos, toda a posição cristã está envolvida neste ponto, bem como todo o futuro da Igreja. Aí está um conceito que pessoas incrédulas estão defendendo e apoiando – com tudo que podem – todavia isso está sendo feito em nome do cristianismo e do Novo Testamento.

Ampliemos o nosso exame desta questão. Qual é o ensino bíblico, o ensino cristão sobre isso? Não hesito em asseverar que a atitude bíblica e cristã para com estes dois extremos é que ambos estão errados; que a posição vitoriana estava errada, e que a posição moderna está ainda mais errada. Entretanto, estamos especialmente interessados no argumento atual e predominante. Voltarei mais tarde à idéia vitoriana, a qual pode ser tratada em termos desta exortação: “E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos”; pois era exatamente isso que faziam; e esta atitude moderna é em grande parte uma reação a isso. Mas vejamos primeiro essa posição moderna.

Minha primeira razão para afirmar que, do ponto de vista bíblico e cristão, esta idéia moderna quanto ao problema da disciplina está completamente errada, é que o oposto de um tipo errado de disciplina certamente não é não ter nenhuma disciplina. Todavia, é o que está sucedendo hoje. Os vitorianos, dizem eles, estavam errados; daí, que haja literalmente nenhuma disciplina, nenhuma punição; deixem a criança fazer o que quiser, e quase todos os outros fazerem o que quiserem. Há um engano fundamental aqui. O oposto da disciplina errada não é ausência de disciplina, e sim a disciplina certa, a disciplina verdadeira. É o que vemos aqui, em Efésios, capítulo 6. “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais”. “E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos”. Disciplinem os filhos, sim, porém que não seja uma disciplina errônea; que seja o tipo certo de disciplina. “Não os provoqueis a ira, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.” Pois bem, essa é uma verdadeira disciplina. No entanto, a tragédia de hoje, com o seu pensamento superficial, consiste na suposição de que o oposto da disciplina errada é não se ter nenhuma disciplina. Esse é um completo engano, do ponto de vista do pensamento comum e da filosofia, mesmo que não seja de nenhum outro ponto de vista.

Permitam-me colocar o assunto de outro modo. Toda e

qualquer posição que diga, “somente a lei”, ou que diga, “somente a graça”, é necessariamente errada porque na Bíblia temos “a lei” e “a graça”. Não é, “a lei ou a graça”; é “a lei e a graça”. A graça estava presente na lei do Velho Testamento. Todas as ofertas queimadas e todos os sacrifícios e holocaustos o indicam. Foi Deus quem os ordenou. Que ninguém jamais diga que não existia a graça na lei de Deus, nos termos em que ela foi dada a Moisés e aos filhos de Israel. Em última instância, a lei se baseia na graça; é lei contendo em si a graça.

E, por outro lado, jamais devemos dizer que a graça significa ausência da Lei; isso é antinomismo, o qual é condenado em toda parte no Novo Testamento. Havia alguns cristãos primitivos que diziam: “Ah, não estamos mais debaixo da lei, estamos sob a graça; quer dizer que o que fazemos não importa. Uma vez que não estamos mais debaixo da lei, e sim debaixo da graça, vamos pecar, para que a graça seja mais abundante! Vamos fazer o que quisermos; isso não importa. Deus é amor, fomos perdoados, estamos em Cristo, nascemos de novo; portanto, façamos tudo que quisermos”. Estas falsas deduções são tratadas nas Epístolas aos Romanos, aos Coríntios e aos Tessalonicenses, e também nos três capítulos iniciais do livro do Apocalipse. É um trágico engano pensar que quando temos a graça, não há nela nenhum elemento da lei, mas que há uma espécie de licença. Isso é uma contradição do ensino bíblico concernente à lei e à graça. Existe graça na lei; existe lei na graça. Como cristãos, não estamos “sem lei”, afirma Paulo, porém estamos “debaixo da lei de Cristo” (1 Coríntios 9:21).

Naturalmente há disciplina. De fato, o cristão deve ser muito mais disciplinado que o homem que está debaixo da lei, porque enxerga mais claramente o seu significado, e tem maior poder. Ele tem uma compreensão mais verdadeira e, portanto, deve ter uma vida melhor e mais disciplinada. Não

há menos disciplina no Novo Testamento do que no Velho Testamento; há na verdade mais, e num nível mais profundo. Em todo caso, *como* o apóstolo Paulo ensina, escrevendo aos gálatas, não devemos repudiar a lei, pois “a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo” (Gálatas 3:24). Não coloquemos estas coisas *como* se fossem opostas. A lei foi dada por Deus a fim de que os homens fossem, por assim dizer, encarcerados e encerrados em Cristo, que havia de vir, que haveria de outorgar-lhes esta grande salvação.

Eu afirmo, pois, que esta idéia moderna entende de forma completamente errada tanto a lei como a graça. É uma balbúrdia completa, uma confusão total; na verdade, não é bíblica, de modo nenhum. Não passa de filosofia humana, de psicologia humana. Emprega termos cristãos, mas os esvazia do seu sentido verdadeiro.

Em terceiro lugar, o ensino moderno – e esta é uma das coisas mais graves a seu respeito – demonstra um entendimento completamente falso da doutrina bíblica sobre Deus. Este é o ponto desesperadamente sério. O homem moderno não formula sua descrição de Deus com base na Bíblia; ele o faz segundo o seu cérebro e o seu coração. Ele não crê na “revelação”. Foi por isso que, há cerca de um século e meio, ele começou a sua pretensa Alta Crítica da Bíblia.

O homem criou um Deus à sua imagem, um Deus que tem que ser o exato oposto do pai vitoriano. Cito a seguir a descrição feita por um eminente escritor do presente século: “Porventura você não vê”, escreve ele, “que o Deus do Velho Testamento é o seu pai vitoriano; e que é um erro total?” Assim, o Velho Testamento foi virtualmente posto de lado. “O Deus em que cremos”, dizem os homens, “é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.” Mas o Senhor Jesus Cristo cria no Deus do Velho Testamento. Disse Ele: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mateus 5:17). Ele cria no Deus que dera

uma revelação de Si a Moisés no monte, e nos Dez Mandamentos. Nosso Senhor e Salvador cria e aceitava todo o ensino do Velho Testamento.

Os modernistas não têm direito de alegar que a nova linha é de Cristo. Não é Seu ensino; é deles. O Deus que Se nos revelou mediante a Bíblia é Deus santo. Tanto o Novo Testamento como também o Velho Testamento nos dizem que devemos servir “a Deus agradavelmente com reverência e piedade; porque o nosso Deus é um fogo consumidor” (Hebreus 12:29, citando Deuteronômio 4:24). Na verdade o Novo Testamento ensina que no Velho Testamento nos é dada apenas uma pálida noção da santidade, da majestade, da glória e da grandeza de Deus. Lá era apenas uma representação externa. Deus é infinitamente santo. “Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma” (1 João 1:5). Deus é reto, Deus é sempre justo. Deus é amor, eu sei, contudo é também todas estas outras coisas; e não há contradição nelas. Todas elas são uma, e todas estão presentes ao mesmo tempo, e com eterno poder e plenitude, na Deidade.

Essa é a revelação das Escrituras. E a idéia de que Deus é Alguém que pode tolerar o pecado e fingir que não o vê, e o acoberta, e perdoa todos os transgressores, e nunca Se sente irado e nunca pune ninguém, é, digo eu, não só negar o Velho Testamento, mas também é negar o Novo Testamento. Foi o Senhor Jesus Cristo quem falou do lugar “onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga” (Marcos 9:44). É Ele que nos fala da separação de ovelhas e cabritos; é Ele que diz a certos homens, “Nunca vos conheci: apartai-vos de mim”; “Apartai-vos de mim para o lugar preparado para o diabo e seus anjos” (cf. Mateus 7:23; 25:41). Nada poderia ser mais monstruoso do que este ensino moderno disfarçar-se servindo-se do nome do Novo Testamento e do nome do Senhor Jesus Cristo. É uma negação da doutrina bíblica sobre Deus, como ela se encontra em ambos os Testamentos.

Deus é um Deus santo, um Deus justo, um Deus reto, que deixou claro que castigaria o pecado e a transgressão, e que o fez muitas vezes no transcorrer da história. Castigou Seu povo, os filhos de Israel, por suas transgressões; enviou-os em cativo; levantou os assírios e os caldeus como Seus instrumentos para castigá-los. O apóstolo Paulo ensina claramente na Epístola aos Romanos (1:18-32) que Deus pune o pecado, e muitas vezes o faz deixando o mundo entregue ao seu mal, à sua iniquidade. E cada vez mais fica evidente que Ele está fazendo isso na presente hora; todavia os homens, cegados pela psicologia moderna, não conseguem enxergar isso, pois não entendem a verdade bíblica sobre Deus.

Por que o mundo se acha nessa dificuldade? Por que estamos todos, por assim dizer, tremendo quanto ao que está para acontecer? Por que estamos todos alarmados acerca destes novos e terríveis armamentos e da possibilidade de uma guerra atômica? A explicação, sugiro eu, é que Deus nos está punindo deixando-nos entregues a nós mesmos, porque nós temos recusado a submeter-nos a Ele e a Suas santas e justas leis. Nosso afastamento do ensino bíblico concernente a Deus, e como consequência disso, de toda a verdade revelada sobre disciplina, governo e ordem, resultou na própria punição para a qual os homens se acham tão cegos.

Em quarto lugar, há uma total incapacidade a compreender o que o pecado fez ao homem. As idéias modernas de que o homem é fundamental e essencialmente bom, e de que, se você tão-somente extrair e induzir o que nele há de bom, tudo estará bem; de que basta fazer-lhe um apelo, e nunca puni-lo, mas simplesmente você receber pessoalmente a punição, e os transgressores se comoverão com isso e ficarão tão compungidos face ao apelo moral que você lhes está dirigindo, que pararão de agir mal e começarão a comportar-se bem – todas estas idéias, digo eu, são a consequência da

rejeição da doutrina bíblica sobre o pecado. A simples resposta para essas idéias é que a natureza do homem é má, que, em consequência da Queda, o homem é totalmente mau. É um rebelde, é infrator da lei, é governado por forças perversas e, portanto, é impermeável a todos os apelos que lhe sejam dirigidos.

O mundo moderno está provando isso através de amarga experiência. O método moderno tem sido experimentado durante bom número de anos. Contudo, que dizer dos resultados? Problemas que se acumulam: delinqüência juvenil, desordem nos lares, furto, violência, assassinatos, assaltos e toda a sociedade moderna em confusão! A nova teoria foi dada um período de prova de mais de trinta anos, e os problemas resultantes se multiplicam de uma semana para outra e quase de um dia para outro. Mas não se pode esperar outra coisa! O homem não é fundamentalmente bom. “Toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gênesis 6:5), é a descrição de como eram os homens nos dias anteriores ao Dilúvio. O homem não é uma boa criatura, apenas necessitada de um pouco de estímulo; sua natureza é retorcida, perversa e vil. Ele é rebelde, odeia a luz, ama as trevas; é uma criatura caracterizada pela luxúria e pela paixão. E a falta de reconhecer isto é responsável por esta desastrosa conceituação moderna.

No entanto, em quinto lugar, há também uma compreensão completamente errônea das doutrinas da expiação e da redenção, bem como da doutrina cardeal da regeneração. Ainda estou por encontrar um pacifista que compreenda a doutrina da expiação! Ainda estou por encontrar um defensor do conceito moderno sobre disciplina e castigo que compreenda a doutrina da expiação. A doutrina bíblica da expiação nos diz que, na cruz do Calvário, o justo, o santo e reto Deus estava punindo o pecado na Pessoa do Seu próprio Filho, para que fosse “justo e justificador daquele que tem

fé em Jesus” (Romanos 3:25-26). “O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Isaías 53:6). “Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). “Pelas suas feridas fostes sarados” (1 Pedro 2:24). “Ao Senhor agradou moê-lo” (Isaías 53:10). A justiça e a retidão de Deus exigiam isso, a ira de Deus sobre o pecado insistia nisso. Todavia, é aí que vemos verdadeiramente o amor de Deus, amor tão grande que a ira se derramou sobre o Seu próprio Filho, com toda a Sua inocência, para que eu e você pudéssemos ser resgatados e libertados. Mas os modernistas não compreendem a expiação, nem crêem nela. Eles não vêem nada, senão sentimentalidade na cruz; vêem soldados cruéis dando cabo do Filho de Deus que, não obstante, sorri para eles e diz: “Eu vos perdoo, apesar do que me fizestes.”

Isso é o que eles dizem; porém a Bíblia não ensina isso. Ela está repleta de ensinamentos concernentes a ofertas e sacrifícios queimados, sobre a necessidade de derramamento de sangue sacrificial, declarando que “sem derramamento de sangue não há remissão (de pecados)” (Hebreus 9:22). Esse é o ensino do Velho Testamento e do Novo, e esta idéia moderna é uma completa negação desse ensino. A necessidade de punição é ensinada de capa a capa; e vemos isso em sua expressão suprema na cruz do monte Calvário.

Tomemos, por outro lado, a doutrina da regeneração. Se o homem fosse essencialmente bom, não precisaria “nascer de novo”, não precisaria da regeneração. Entretanto, a regeneração é uma doutrina central na Bíblia; nossa única esperança está em que sejamos feitos “participantes da natureza divina”. Assim, este novo ensino é uma negação das doutrinas bíblicas fundamentais e, apesar disso, ele vem e se mascara, apresentando-se em nome do cristianismo. O ensino bíblico é que enquanto a pessoa não estiver “sob a graça”, terá que ser mantida “sob a lei”, para que o pecado e o mal sejam

mantidos dentro de certos limites. E foi o que Deus fez! Quem designou os magistrados? Deus! Leiam Romanos, capítulo 13. O magistrado, diz-nos essa passagem, “não traz debalde a espada”. Quem designou os reis e governantes? Deus! Quem designou os Estados? Deus. Para manter o pecado e o mal dentro de certos limites. Se Ele não tivesse feito isso, o mundo teria apodrecido e virado pó há séculos. Deus instituiu a Lei devido à natureza pecaminosa do homem, a fim de restringir e proteger o homem do mal até que ele estiver “sob a graça”. Foi Deus que, nos dias de Moisés, deu a lei, e a deu por essa razão. E obviamente, se a lei há de ser eficaz, precisa conter sanções. Não haveria utilidade em ter-se uma lei se, quando um homem fosse preso em nome da lei, imediatamente lhe dissessem: “Ora, não se preocupe; nós o prendemos, mas não haverá punição”. Haveria eficácia nisso?

Há certamente uma ilustração contemporânea que deveria satisfazer nossas mentes, quanto a esta questão. Considerem a matança que está acontecendo nas estradas. Que é que está sendo feito a respeito? As autoridades estão fazendo apelos, divulgando documentários, introduzindo novos regulamentos, conseguindo que o rádio e a televisão fiquem repetindo advertências, principalmente antes da Páscoa e do Natal. Mas, estas coisas produzem algum efeito? Muito pouco! Por que? Porque o homem é um rebelde, porque ele é naturalmente um transgressor da lei. Há somente um modo pelo qual o Estado pode lidar com este problema, a saber, pela punição dos transgressores. Essa é a única linguagem que eles podem entender. O pecador nunca entendeu outro tipo de linguagem. Vá ao transgressor com um espírito de suave moderação, e ele se aproveitará de você.

O governo britânico experimentou esse método com Hitler; método chamado “apaziguamento”. Se conseguimos

ver que foi um método errado ali, por que não conseguimos ver que é errado com todos os outros indivíduos? Não há propósito em fazer apelos em termos de suave apaziguamento a homens que são maus e governados pela luxúria e pela paixão.

O ensino bíblico é que tais pessoas precisam ser punidas, e devem sentir sua punição. Se não derem ouvidos à lei, então devem ser-lhes aplicadas as sanções da lei. Quando Deus outorgou Sua lei, fê-la acompanhar de sanções que deveriam ser aplicadas em seguida à transgressão. Quando a lei era quebrantada, as sanções eram executadas. Deus não outorgou uma lei dizendo que a desobediência às suas exigências não tem importância. Deus põe em execução a Sua lei. E quando examinamos a história da Inglaterra, para não ampliar o campo, sempre descobriremos que os períodos mais disciplinados e mais gloriosos dessa história foram os períodos imediatamente subseqüentes a uma reforma religiosa. Vejam o período elisabetano, logo em seguida à Reforma Protestante, quando os homens trouxeram de volta a Bíblia – O Velho Testamento e o Novo – e a puseram em prática, aplicando suas leis.

O período de Elizabeth I, o período de Cromwell e o período que se seguiu ao Despertamento Evangélico do século dezoito ilustram o princípio bíblico. O ensino bíblico é que, uma vez que o homem é uma criatura decaída, posto que é um pecador e um rebelde, visto que é uma criatura marcada pela luxúria e pela paixão e por elas – governada, forçosamente tem que ser restringida, tem que ser mantida debaixo de regras. O princípio aplica-se igualmente aos menores e aos adultos que se façam culpados de má conduta e delito, e de afastamento das leis do país e da lei de Deus. Experimentem algum outro método, e terão um retorno ao caos, como já estamos começando a sentir. O ensino bíblico, fundado no caráter de Deus e em Seu Ser, e reconhecendo que o homem

se acha num estado de pecado, exige que a lei seja imposta a fim de que o homem seja levado a ver e a conhecer a Deus; e depois, para que seja introduzido na graça; de modo que, finalmente, ele venha a assimilar e obedecer a lei superior sob a qual terá prazer em agradar a Deus e em honrar e cumprir Seus santos mandamentos.

Devemos, pois, partir do princípio de que o ensino de toda a Bíblia é que deve existir disciplina, deve existir castigo. Isso, no entanto, nos deixa com esta interrogação: como, exatamente, deve ser aplicada essa punição, e particularmente no lar cristão? E é aí que o nosso texto é tão importante. Devemos exercer disciplina, mas não devemos “provocar a ira a nossos filhos”. Há um modo errado e um modo certo de exercer disciplina, e a nossa preocupação a seguir será descobrir o método certo, o método verdadeiro, o método bíblico de exercer a disciplina que nos é ordenada pela santa lei de Deus. O conceito moderno, embora às vezes se arrogue o nome de Cristo, é uma negação de todas as doutrinas básicas e fundamentais da fé cristã. Não é de admirar que pessoas incrédulas o estejam defendendo em alto e bom som, com relação à pena capital, à guerra, à educação, à reforma dos cárceres, e a muitas outras coisas. Não admira, digo, que o estejam defendendo, porque não esperamos delas um entendimento bíblico e cristão. Contudo, o cristão precisa ter, deve ter esse entendimento.

4. Disciplina com Equilíbrio

Chegamos agora à questão de como exercer a disciplina. O apóstolo trata disso, em particular, neste versículo quatro. Não há dúvida quanto à necessidade da disciplina, e de que ela deve ser imposta. Mas, como fazê-lo? É aí que muitas vezes se formou grande confusão. Já concordamos que, fora de questão, nossos avós vitorianos erraram nesse ponto e que com freqüência não exerciam disciplina de maneira certa e bíblica. Também vimos que o que temos hoje é, em grande parte, uma violenta reação contra aquilo. Isso não justifica a situação atual, porém nos ajuda a compreendê-la. O importante é que não devemos cair no erro de voltar da situação atual para o outro extremo, igualmente errado. E aqui, se tão-somente seguirmos as Escrituras, teremos um conceito equilibrado. A disciplina é essencial e deve ser imposta; no entanto, o apóstolo nos exorta a sermos cuidadosos quanto à maneira de exercê-la, porque poderemos causar mais dano do que benefício, se não o fizermos do modo certo.

É claro que, em geral, há pouca necessidade deste ensino na época atual porque, como venho indicando, o problema hoje é que as pessoas não acreditam em nenhuma disciplina. Portanto, há pouca necessidade de dizer-lhes que não exerçam disciplina de maneira errônea. Temos de instar com o homem moderno a reconhecer a necessidade de disciplina e

a pô-la em prática. Mas na esfera da Igreja – e talvez na esfera dos evangélicos em particular, e especialmente nos Estados Unidos da América – o que o apóstolo diz neste versículo quatro será cada vez mais necessário. É da seguinte maneira que surge essa necessidade. O perigo sempre presente é o de reagir violentamente. É sempre errado quando a nossa atitude é determinada por outra atitude que consideramos ser errada.

Nosso conceito nunca deve ser resultante de uma reação meramente negativa. Este princípio vale não somente com respeito a este assunto particular, e sim também em muitos aspectos e departamentos da vida. Muitíssimas vezes deixamos que a nossa atitude seja governada e determinada por algo errôneo. Permitam-me apresentar-lhes uma ilustração atual desta tendência. Há cristãos, em certas partes do mundo, que estão reagindo tão violentamente a um tipo errôneo de fundamentalismo dos dias atuais que estão quase perdendo seu conhecimento das doutrinas cristãs essenciais. É seu aborrecimento com alguma coisa errada que determina a posição deles. Isso é sempre errado. Nossa posição deve ser positivamente determinada pelas Escrituras. Não devemos ser apenas reacionários. E nesta questão particular de disciplina no lar, e das crianças, há o perigo real de que bons cristãos evangélicos, bíblicos, tendo visto claramente que a atitude moderna é inteira e completamente errada, e estando determinados a não aceitá-la, partam para o outro extremo e retrocedam à antiga idéia vitoriana. Portanto, eles têm necessidade da exortação que encontramos nestes versículos desta Epístola.

O apóstolo divide o seu ensino em duas seções, negativa e positiva. Este problema, ele diz, não se limita aos filhos; os pais e as mães também têm que ter cuidado. Negativamente, ele lhes diz: “Não provoqueis a ira a vossos filhos”. Positivamente, diz: “Mas criai-os na doutrina e na admoestação

do Senhor”. Na medida em que nos lembrarmos dos dois aspectos, tudo irá bem.

Começamos com a negativa: “Não provoqueis a ira a vossos filhos”. Estas palavras podem ser traduzidas, “não exaspereis vossos filhos, não irriteis vossos filhos, não provoqueis vossos filhos, levando-os a ficarem ressentidos”. esse é um perigo muito real quando exercemos a disciplina. E se cometermos esse erro, faremos muito mais mal do que bem. Não teremos sucesso na aplicação da disciplina aos nossos filhos, só produzindo neles tão violenta reação, tanta ira e ressentimento, que a situação será quase pior do que se não tivéssimos praticado disciplina alguma. Todavia, como já vimos, ambos os extremos são completamente errôneos. Noutras palavras, devemos exercer esta disciplina de tal maneira, que não irriteemos nossos filhos, não os provoquemos levando-os a um ressentimento pecaminoso. Exige-se de nós que mantenhamos o equilíbrio.

Como fazê-lo? Como os pais devem exercer esta disciplina? E não somente os pais, mas também os professores de escola e todo aquele que têm a incumbência de dirigir os mais novos. Devemos retornar mais uma vez ao capítulo 5, versículo 18. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito.” A chave é sempre essa. Quando estávamos tratando desse versículo, vimos que a vida vivida no Espírito, a vida do homem cheio do Espírito, é sempre caracterizada por duas coisas importantes – poder e domínio. É um poder disciplinado. Lembrem-se de como Paulo o expressa, escrevendo a Timóteo: “Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação (de disciplina)” (2 Timóteo 1:7). Não um poder descontrolado, mas um poder controlado pelo amor e pela moderação, pela disciplina! É sempre essa a característica da vida daquele que é “cheio do Espírito”.

Noutras palavras, o cristão é completamente diferente do

homem que se acha sob a influência do vinho, do homem embrutecido pelo vinho. Há sempre excesso ou contenda nesse caso, e o homem reage violentamente. Pode-se irritar facilmente um ébrio e provocá-lo, levando-o a uma reação violenta. Falta-lhe equilíbrio, falta-lhe juízo, ofende-se por qualquer trivialidade e, por outro lado, fica contente em demasia com coisas triviais. Invariavelmente peca por reação excessiva. O cristão, porém, diz o apóstolo, sempre deve manifestar a antítese desse tipo de comportamento.

Então, como devo exercer a disciplina? “Não provoqueis a ira a vossos filhos.” Este deve ser o primeiro princípio a governar a nossa ação. Seremos incapazes de exercer a verdadeira disciplina, se primeiro não formos capazes de exercer domínio próprio e de disciplinar o nosso gênio. O problema com o homem “cheio de vinho” é que ele não pode dominar-se; ele é dominado por seus instintos e paixões, e por sua natureza inferior. O álcool põe fora de ação os centros mais elevados do cérebro, incluindo-se o senso de autodomínio. O álcool é uma dessas drogas depressivas que eliminam as mais refinadas capacidades de discriminação do cérebro, os centros mais elevados, dando como resultado que os fatores instintivos, elementares, ganhem expressão. É isso que acontece com o homem cheio de vinho; daí seus excessos e sua falta de domínio próprio. Entretanto os cristãos devem ser cheios do Espírito, e pessoas cheias do Espírito sempre são caracterizadas pelo domínio próprio.

Quando você for disciplinar um filho, terá que dominar-se primeiro a si próprio. Se tentar disciplinar seu filho quando você estiver de mau humor, é certo que fará mais malefício do que benefício. Que direito terá de dizer ao seu filho que ele precisa de disciplina, quando evidentemente você mesmo precisa dela? O domínio próprio, o domínio do gênio, é um requisito essencial para podermos comandar outros. Mas o problema é esse, não é? Vemos isso nas ruas,

em toda parte. Vemos pais aplicando castigo com raiva, muitas vezes a tremer de irritação. Não têm domínio próprio, e o resultado é que acabam exasperando o filho.

Assim, o primeiro princípio é que devemos começar por nós mesmos. Precisamos estar certos de que estamos tendo domínio próprio, de que estamos calmos. Seja o que for que tenha acontecido, seja qual for a provocação, não devemos reagir com violência similar à do bêbado; é preciso haver esta disciplina pessoal, este autodomínio que habilita o homem a examinar a situação objetivamente e a lidar com ela de maneira equilibrada e bem controlada. Como isto é importante! As nações precisam aprender justamente esta lição. Suas conferências fracassam porque os homens se portam como crianças, ou pior; não se dominam, reagem violentamente. Esta condição de “embriaguez”, estas reações violentas, são uma causa da guerra. São as causas principais de todos os fracassos da vida – no casamento, no lar e em todas as outras esferas. Todavia, em lugar nenhum esta lição é mais importante do que na área da disciplina aplicada aos nossos filhos.

Em certo sentido, o segundo princípio decorre do primeiro. Se cabe ao pai aplicar esta disciplina da maneira certa, ele jamais deverá agir caprichosamente. Não há nada mais irritante para quem está se submetendo à disciplina do que a percepção de que a pessoa que a está ministrando é caprichosa e incerta. Não há nada mais aborrecido para um filho do que o tipo de pai cujos sentimentos e atos nunca podem ser previstos, pessoa variável, cujas condições pessoais são sempre incertas.

Não há pior tipo de pai do que aquele que, um dia, com temperamento bondoso, é indulgente e deixa o filho fazer quase tudo que quer, contudo no dia seguinte fuzila de raiva se o filho mal chega a fazer alguma coisa. Isso torna a vida impossível para o filho. Uma atitude excêntrica do pai é, de novo, indicativa da condição de quem está “cheio de vinho”.

As reações de um homem embriagado são imprevisíveis; não se pode dizer se ele vai mostrar-se jovial ou com mau gênio; ele não é governado pela razão, não tem domínio próprio, não tem equilíbrio. Tal pai, torno a dizê-lo, não exerce uma disciplina verdadeira e proveitosa, e a situação do filho fica impossível. Este é provocado e irritado, vindo a irar-se, e perde todo o respeito pelo pai.

Estou me referindo não somente a reações temperamentais, e sim também à conduta. O pai que não é coerente em sua conduta não pode exercer disciplina no caso do filho. O pai que faz uma coisa hoje e o contrário amanhã, não é capaz de ministrar boa disciplina. Tem que haver coerência, não somente na reação, mas também na conduta e no comportamento do pai; precisa haver um padrão quanto à vida do pai, pois o filho está sempre observando e vigiando. No entanto, se o filho vê que o pai é variável e que faz exatamente aquilo que proíbe ao filho, de novo não se pode esperar que o filho se beneficie com qualquer disciplina ministrada por um tal pai. Não pode haver nada de variável, caprichoso, incerto ou inconstante nos pais, se é que estes querem exercer disciplina.

Outro princípio muito importante é que os pais nunca devem ter a mente e os ouvidos fechados para os argumentos do filho. Não há nada que aborreça tanto aquele que está sendo disciplinado como a percepção de que todo o procedimento é completamente irracional. Noutras palavras, é um pai totalmente mau aquele que não se dispõe a levar em consideração quaisquer circunstâncias, ou que não quer ouvir nenhuma explicação concebível. Alguns pais e mães, em seu desejo de exercer disciplina, são propensos a tornar-se inteiramente irracionais, e eles mesmos podem estar equivocados. O relato que receberam a respeito do filho pode ser errôneo, ou podem existir circunstâncias peculiares que eles ignoram; porém ao filho não é dada permissão nem sequer para expor a sua

situação ou para dar algum tipo de explicação. Naturalmente se pode ver que o filho poderá tirar proveito disso. O que estou dizendo é que jamais devemos ser irracionais. Deixe que o filho dê a sua explicação e, se não for uma explicação verdadeira, castigue-o por isso, como também pelo ato particular que constitui a transgressão visada. Mas, negar-se a ouvi-lo, proibir toda espécie de réplica, é indesculpável.

Este princípio nos fica claro quando vemos um Estado portando-se mal. Não nos agrada um Estado policial, temos orgulho da Lei do Habeas Corpus neste país, lei que declara que é um grave mal manter um homem na prisão sem lhe conceder um julgamento. Somos eloqüentes sobre isto, porém muitas vezes fazemos exatamente a mesma coisa em nossos lares. Não é dada ao filho nenhuma oportunidade para expor o seu caso, nem por um momento a razão tem vez na situação, recusamo-nos a sequer admitir a possibilidade de que haja alguma explicação a respeito da qual até então nada ouvimos. Tal conduta é sempre errada; é provocar a ira a nossos filhos. Com toda a certeza, isso vai exasperá-los e irritá-los, levando-os a um estado de rebelião e antagonismo.

No entanto, há outro princípio a considerar – o pai nunca deve ser egoísta. “Pais, não provoquem a ira a vossos filhos.” Isto acontece às vezes devido ao puro e simples egoísmo dos pais. Minha denúncia visa aquelas pessoas que não reconhecem que o filho tem sua própria vida e sua própria personalidade, e que parecem achar que os filhos são inteiramente para o prazer delas ou para o seu uso.

Essas pessoas têm uma noção essencialmente falsa da paternidade e do que ela significa. Não entendem que são apenas tutores e guardiães destas vidas que nos são entregues, que não somos seus donos, que elas não nos “pertencem”, que não são “mercadorias” ou “bens”, que não temos direitos absolutos sobre elas. Mas há muitos pais que se comportam como se tivessem esse direito de propriedade;

e a personalidade do filho não recebe nenhum reconhecimento. Não há nada mais deplorável ou repreensível do que um pai dominador. Refiro-me ao tipo de pai ou mãe que impõe a sua personalidade ao filho, e que está sempre esmagando a personalidade do filho; o tipo de pai ou mãe que exige tudo e tudo espera do filho. Geralmente estes pais são descritos como possessivos. Sua atitude é sumamente cruel e, infelizmente, pode persistir na vida adulta dos filhos.

Algumas das maiores tragédias que encontrei em minha experiência pastoral eram resultantes disso. Conheço muitas pessoas cujas vidas foram totalmente arruinadas por pais egoístas, possessivos, dominadores. Conheço muitos homens e muitas mulheres que nunca se casaram por esta razão. Fizeram com que eles se sentissem criminosos só por pensarem em deixar pai e mãe; tiveram que dedicar a vida toda aos pais. Por que teriam vindo ao mundo, senão para isso? Não lhes fora permitido ter sua vida própria, independente, nem desenvolver a sua personalidade; um pai despótico ou uma mãe dominadora esmagara a vida, a individualidade e a personalidade do filho ou da filha. Isso não é disciplina; é tirania do tipo mais repugnante, e uma contradição do claro e simples ensino das Escrituras. É totalmente indesculpável e, à medida que oprime a personalidade do filho, produz ressentimento. Como pode fazer outra coisa? Estejamos certos de que estamos completamente livres disso. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda.” O bêbado só pensa em si, seu único interesse é sua própria satisfação. Se pensasse nos outros, nunca se embriagaria, porque bem sabe que isso os faz sofrer. A embriaguez é uma manifestação de egoísmo, é auto-indulgência consumada. Não devemos ter esse espírito com respeito a coisa nenhuma, e particularmente nesta relação sumamente delicada entre pais e filhos.

Contudo, repito: a punição, a disciplina, jamais deverá ser ministrada de maneira mecânica. Existem pessoas que

acreditam na disciplina pela disciplina. Esse não é o ensino bíblico, mas sim a filosofia do sargento instrutor. Não há nada a dizer a favor dela; não tem nada de inteligente! Isso é o que há de horrível com tal disciplina. No Exército e nas outras forças armadas a disciplina é pouco ou nada inteligente; é feita em termos de números, e a personalidade não é levada em conta. Pode ser que essa forma de disciplina seja necessária lá, porém quando penetra na esfera do lar, é imperdoável. Noutras palavras, é preciso haver uma razão para aplicar-se a disciplina de maneira correta e genuína; não deve ser aplicada de maneira mecânica. Sempre deverá ser inteligente; sempre deverá existir uma razão para a sua aplicação, e essa razão deve ser exposta com simplicidade e clareza. Nunca deve ser aplicada à semelhança de alguém que aperta um botão, e espera o resultado inevitável. Isso não é disciplina verdadeira; nem humana é. Pertence aos domínios da mecânica. Mas a disciplina verdadeira sempre se baseia no entendimento; tem mensagem própria; tem explicação para dar.

Observem que em todo o transcurso do nosso estudo, estamos vendo que é necessário atingir um equilíbrio. Ao criticarmos o conceito moderno que não reconhece nenhuma disciplina, constatamos que ele parte do pressuposto de que tudo que precisamos fazer é dar explicações e fazer apelos, e tudo estará bem. Vimos claramente que esse conceito não é válido, nem na teoria, nem na prática; todavia, é igualmente errado arrojá-lo para o outro extremo e dizer: “Isto tem que ser feito porque eu mando. Não há nada que perguntar, e não será dada nenhuma explicação.” A disciplina cristã, equilibrada, nunca é mecânica; é sempre dinâmica, é sempre pessoal, é sempre compreensível e, acima de tudo, é sempre altamente inteligente. Sabe o que faz e nunca peca por excesso. Não perde o domínio próprio, não é uma espécie de cachoeira derramando-se de maneira descontrolada e violenta. Há sempre este fator inteligente e compreensível

no âmago e no centro da verdadeira disciplina.

Isso leva inevitavelmente ao sexto princípio. A disciplina nunca deve ser demasiado severa. Aí talvez esteja o perigo que confronta muitos bons pais atualmente, quando vêem a rebeldia generalizada que os cerca, e a lamentam e a condenam. Correm o perigo de influenciar-se tão intensamente por sua revolta, que vão direto ao outro extremo e se tornam severos demais. O oposto da ausência de disciplina não é a crueldade, e sim a disciplina equilibrada, controlada. Um antigo adágio nos fornece a regra e a lei fundamentais acerca de toda esta matéria. É que “a punição deve ser proporcional ao crime.” Noutras palavras, devemos ter o cuidado de não aplicar a punição máxima a todas as transgressões, grandes ou pequenas.

Isto simplesmente equivale a dizer de novo que a punição não deve ser mecânica; pois se a punição dada for desproporcional ao mau comportamento, ao crime, ou seja o que for, ela não pode ser boa. Inevitavelmente dará à pessoa punida uma sensação de injustiça, um sentimento de que a punição é tão severa, tão fora de proporção com o mal praticado, que constitui um ato de violência, não de correção saudável. Isso inevitavelmente produz esta “ira” de que o apóstolo fala. O filho se irrita e acha que a punição é irracional. Embora talvez esteja disposto a admitir alguma culpa, ele está seguro de que a culpa não foi tão grave para merecer aquilo tudo. Para expressá-lo de outro modo, jamais devemos humilhar outra pessoa. Se ao punir ou ministrar disciplina ou correção cometermos o erro de humilhar o filho, é claro que nós mesmos precisaremos ser disciplinados. Nunca humilhemos ninguém! Certamente devemos castigar, se necessário, porém que seja uma punição razoável, baseada no entendimento. E nunca o façamos de modo que o filho pense que está sendo espezinhado e completamente humilhado em nossa presença, e pior ainda, na presença de outros.

Tudo isso, bem sei, pode ser muito difícil; mas, se somos “cheios do Espírito”, faremos bom julgamento nestas questões. Aprenderemos que nossa aplicação da disciplina jamais deverá ser apenas um meio de aliviar nossas tensões emocionais. Isso é sempre errado; e nunca devemos deixar-nos governar pelo prazer de punir; tampouco, como já salientei, devemos pisar na personalidade e na vida do indivíduo com quem estamos lidando. O Espírito nos admoesta a sermos extremamente cuidadosos neste ponto. No momento em que a personalidade é posta para fora e esta rígida, dura e áspera idéia de punição entra, somos culpados das coisas contra as quais Paulo nos adverte. Então estaremos irritando e provocando a ira a nossos filhos, e os estaremos tornando rebeldes. Perderemos o respeito deles e os faremos pensar que estão sendo maltratados; um senso de injustiça se inflamará dentro deles, e acharão que estamos sendo cruéis. Isso não beneficia nenhuma das partes e, portanto, jamais deveremos tentar aplicar disciplina desse modo.

Assim chegamos àquilo que, de muitas maneiras, é a última das nossas considerações em termos negativos. Nunca devemos deixar de reconhecer o crescimento e o desenvolvimento dos nossos filhos. Este é outro alarmante defeito paterno que, graças a Deus, não se vê hoje com tanta frequência como antigamente. Ainda existem, no entanto, alguns pais que continuam a considerar os seus filhos a vida toda como se nunca tivessem saído da meninice. Os filhos podem ter vinte e cinco anos de idade, mas são tratados como se tivessem cinco. Esses pais não reconhecem que esta pessoa, este indivíduo, este filho que Deus lhes deu por Sua graça, é alguém que está crescendo e se desenvolvendo e amadurecendo. Não reconhecem que a personalidade do filho está florescendo, que ele está obtendo conhecimento, que sua experiência está se alargando, e que o filho está se desenvolvendo como acontecera com eles próprios. Isso é de particular importância no

estágio da adolescência; daí, um dos maiores problemas sociais de hoje é o que está relacionado com o manejo e o tratamento do adolescente. É o problema das escolas dominicais, como também das escolas seculares. Os professores da escola dominical atestam que têm pouca dificuldade enquanto as crianças não chegam à adolescência, mas que, aí, tendem a perdê-las. Os pais acham a mesma coisa. Este período da adolescência é, notoriamente, a idade mais difícil, pela qual todos têm que passar e, portanto, precisa de graça especial, compreensão, e do mais cuidadoso manejo.

Como pais, nunca deveremos ser culpados de não reconhecer este fator, e temos que procurar ajustar-nos a ele. Pelo fato de você poder dominar o seu filho, digamos até à idade de nove ou dez anos, não deve dizer: "Vou continuar agindo assim, dê no que der. A vontade dele tem que ser dobrada pela minha. Não me importa o que ele sinta, ou o que ele entenda, as crianças sabem muito pouca coisa, de modo que continuarei a impor-lhe a minha vontade". Pensar e agir assim significa que certamente você provocará a ira a seu filho e, com isso, irá causar-lhe grande dano. Irá causar-lhe dano psicológico, e até poderá causar-lhe dano físico. Criará nele vários tipos de enfermidades psicossomáticas, tão comuns nos dias atuais. Essa espécie de comportamento por parte dos pais é prolífica na produção desses efeitos e resultados. Nunca deveremos ser culpados desse erro.

"Como evitarei todos estes males?", você perguntará. Uma boa regra é que nunca devemos impingir nossas idéias em nossos filhos. Até certa idade é certo e bom ensinar-lhes certas coisas e insistir nelas, e não haverá dificuldade nisso, se for feito corretamente. Eles até gostarão disso. Mas depressa chegarão a uma idade em que começarão a ouvir conceitos e idéias dos seus amigos, provavelmente na escola ou noutras agremiações. É aí que uma crise começa a desabrochar. Todo o instinto dos pais leva-os, muito acertadamente, a proteger

o filho, porém, outra vez, isso pode ser feito de tal maneira que causa mais dano do que benefício. Se você der ao filho a impressão de que ele tem que acreditar nestas coisas simplesmente porque você acredita nelas, e porque seus pais também acreditavam, inevitavelmente criará uma reação. É antibíblico agir assim. E não somente é antibíblico, mas também põe à mostra uma triste falta de compreensão da doutrina neotestamentária da regeneração.

Surge neste ponto um importante princípio que se aplica não somente a esta esfera, mas também a muitas outras. Constantemente estou tendo que dizer a pessoas que se tornaram cristãs e cujos entes queridos não são cristãos, que tenham muito cuidado. Eles mesmos vieram a enxergar a verdade cristã, e não podem entender por que estes outros membros da família – marido, esposa, pai, mãe, ou filho – não a enxergam. Toda a tendência desses cristãos é de impacientar-se com eles e de forçá-los à fé cristã, de impingir neles sua crença. De modo nenhum se deve fazer isso. Se a pessoa em questão não foi regenerada, não poderá exercer fé. Precisamos ser “vivificados”, antes de podermos crer. Quando a pessoa está morta “em ofensas e pecados” (Efésios 2:1), não pode crer; portanto, não se pode impingir fé nos outros. Eles não enxergam a verdade, não podem compreendê-la. “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Coríntios 2:14).

Muitos pais caíram neste erro justamente neste ponto. Tentaram arrastar seus filhos, no estágio da adolescência, para a fé cristã; tentaram impingir-lhes seus conceitos, tentaram compeli-los a dizerem coisas nas quais na verdade não criam. Este método é sempre errado.

“Bem, o que se pode fazer?”, serei interrogado. Nosso interesse é tentar ganhá-los, é tentar mostrar-lhes a excelência e a racionalidade do que somos e do que cremos. Devemos

ser muito pacientes com eles e tolerar as dificuldades que apresentam. Eles têm os seus problemas, embora esses não signifiquem nada para você. Contudo, para eles esses problemas são muito reais. Toda a arte, de exercer disciplina está em reconhecer esta outra personalidade o tempo todo. Você deve colocar-se no lugar do seu filho, por assim dizer, e com real simpatia, amor e compreensão tentar ajudá-lo. Se os filhos recusarem e rejeitarem os seus esforços, não reaja violentamente, mas faça-os perceber que você sente muito, que você se entristece por amor deles, e que você acha que estão perdendo algo muito precioso. E, ao mesmo tempo, deve fazer-lhes tantas concessões quantas puder. Não deve ser duro e rígido, não deve negar-lhes nada automaticamente sem qualquer razão, simplesmente porque é o pai e este é seu método e seu modo de agir.

Ao contrário, deve preocupar-se em fazer toda legítima concessão que puder, ir tão longe quanto puder em matéria de concessão, mostrando com isso que você respeita a personalidade e a individualidade do seu filho. Isso, em si e por si, é sempre bom e certo, e sempre redundará em benefício.

Permitam-me resumir a minha argumentação. A disciplina deve ser sempre praticada com amor, e se você não puder praticá-la com amor, não tente aplicá-la de modo nenhum. Nesse caso, terá necessidade de tratar de si próprio primeiro. O apóstolo já nos disse que devemos falar a verdade com amor, num sentido mais geral, porém exatamente a mesma coisa aplica-se aqui. Fale a verdade, mas com amor. Com a disciplina é precisamente a mesma coisa; deve ser governada e dirigida pelo amor. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda (ou “excesso”), mas enchei-vos do Espírito.” Qual é “o fruto do Espírito”? “Caridade (ou “amor”), gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança”. Se como pais, estamos cheios do Espírito, e

produzimos tal fruto, a disciplina não será grande problema para nós. “Caridade, gozo, paz, longanimidade” – sempre com amor, sempre para o bem do filho. O objetivo da disciplina não é manter o seu padrão ou dizer: “Decidi que tem que ser assim, e assim será”. Você não deve pensar primariamente em si próprio, e sim no filho. O bem do filho deve ser o seu motivo dominante. Você deve ter um conceito correto da paternidade e considerar o filho como uma vida que Deus lhe deu. Para que? Para guardar para você e moldar segundo o seu modelo, para impor-lhe a sua personalidade? Absolutamente não! Pelo contrário, foi colocado sob os seus cuidados e sob a sua responsabilidade por Deus, para que a alma dele finalmente venha a conhecê-lo e a conhecer o Senhor Jesus Cristo. O filho é uma entidade como você, dada, enviada por Deus a este mundo como você. Assim, você deve olhar para os seus filhos primariamente como almas, e não como você olha para um animal que você possui, ou para certos bens que lhe pertencem. Seu filho é uma alma que Deus lhe deu, e você deve agir como seu tutor e seu depositário.

Finalmente, a disciplina sempre deve ser exercida de modo que leve os filhos a respeitarem seus pais. Nem sempre eles entenderão e, provavelmente, por vezes acharão que não merecem castigo. Entretanto, se somos “cheios do Espírito”, o efeito de nossa ação disciplinar será que eles nos amarão e nos respeitarão; e virá o dia em que nos agradecerão por havermos agido assim.

Mesmo quando queiram defender-se, haverá alguma coisa dentro deles que lhes dirá que estamos certos. Terão um respeito fundamental pelo nosso caráter. Eles ficam vigiando as nossas vidas; observam a disciplina e o autodomínio que exercemos sobre nós mesmos, e vêem que o que fazemos com eles não é algo caprichoso, que não estamos apenas dando escape às nossas tensões emocionais e procurando alívio.

Saberão que os amamos, que estamos interessados em seu bem-estar e em beneficiá-los neste mundo pecaminoso e mau; e assim haverá este respeito, esta admiração, esta apreciação e este amor subjacentes.

“E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos.” Que tremenda coisa a vida é! Como são maravilhosas todas estas relações – marido, esposa, pais, filhos! Vemos pessoas no mundo que nos cerca precipitando-se para o casamento e precipitando-se para sair do casamento. Quanto aos filhos, muitos deles não têm a mínima idéia do que a paternidade realmente significa! Para muitos pais os filhos não passam de um estorvo, ora exageradamente mimados, ora severamente punidos; muitas vezes deixados sozinhos em casa enquanto os pais saem para se divertirem; enviados a internatos escolares para que os pais tenham liberdade! Quão pouco se pensa no filho, em seu sofrimento, nas pressões que se exercem sobre a sua natureza sensível! A tragédia disso tudo é que as vidas dessas pessoas não são governadas pelos ensinamentos do Novo Testamento; não são “cheias do Espírito”; não tratam seus filhos como Deus nos trata, em Seu infinito amor, bondade e compaixão.

Imagine, se Deus nos tratasse como freqüentemente tratamos nossos filhos! Ah, a longanimidade de Deus! Ah, a paciência de Deus! Ah, a admirável maneira pela qual Ele tolera as nossas maldades como fez com as maldades dos filhos de Israel da antiguidade! Para mim, não há nada mais admirável que a paciência de Deus, e Sua longanimidade para conosco. Digo ao povo cristão, e a todos quantos de algum modo são responsáveis pela disciplina de crianças e jovens, “haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Filipenses 2:5). E que o mesmo amor esteja também em nós, para que não provoquemos a ira a nossos filhos e, com isso, os envolvamos, e a nós também, em todas as más conseqüências do nosso fracasso.

5. Educação Cristã no Lar

Já vimos que a exortação do apóstolo, dirigida aos pais, tem duas facetas. Há a faceta negativa a qual nos diz que não devemos fazer nada que exaspere os nossos filhos, que os irrite, que os provoque; e a faceta positiva: “criai-os na doutrina e admoestação do Senhor”. Voltemo-nos, pois, agora, para esta faceta positiva da injunção apostólica.

A própria maneira pela qual Paulo coloca a sua exortação é interessante – “criai-os”, diz ele, e esse é apenas outro modo de dizer, “edificai-os, educai-os para a maturidade”. Noutras palavras, a primeira coisa que os pais têm de fazer é compreender a sua responsabilidade para com os filhos. Como temos acentuado, eles não são nossa propriedade, não pertencem definitivamente a nós, são-nos entregues por Deus por algum tempo. Com que propósito? Não para obtermos o que quisermos deles e usá-los simplesmente para nosso agrado, para gratificar os nossos desejos. Não; o que nos compete é dar-nos conta de que eles precisam ser “edificados”, “criados”, “educados”, “preparados”, não somente para a vida deste mundo, e sim especialmente para o estabelecimento de uma correta relação das suas almas com Deus.

Estas injunções nos lembram a grandeza da vida; e não há nada mais triste e trágico quanto ao mundo atual do que a incapacidade das multidões para perceberem essa grandeza.

Que coisa tremenda é existirmos e vivermos como indivíduos! E quando consideramos a esfera do lar e da família, esse fato se torna mais maravilhoso ainda. Que grande concepção da paternidade e sua função o ensino do apóstolo nos dá! Diz ele que os filhos nos são dados para que os criemos, os edifiquemos e os treinemos como convém.

Os jornais nos lembram constantemente o cuidado e a atenção que as pessoas dedicam à criação de diversos tipos de animais. Não é fácil treinar um animal, seja um cavalo ou um cão ou outro qualquer. Requer muito tempo e atenção. É preciso pensar na alimentação, planejar os exercícios, providenciar adequado abrigo; é preciso proteger o animal de vários perigos; e assim por diante. As pessoas pagam grandes quantias, gastam muito tempo e dedicam muito do seu pensamento para a criação e o treinamento de um animal a fim de que possa vir a ganhar prêmios nas exposições. Mas às vezes temos a impressão de que muito pouco tempo, cuidado, atenção e pensamento são dedicados à criação dos filhos. Essa é uma importante razão por que o mundo está como está hoje, e por que nos defrontamos com agudos problemas sociais nesta época. Se as pessoas tão-somente dedicassem tanta consideração à criação dos seus filhos como dedicam à criação de animais e ao cultivo de flores, a situação seria muito diferente. Elas lêem livros e ouvem palestras sobre esses assuntos e querem saber exatamente o que precisam fazer. Mas quanto tempo é dedicado à consideração do grande assunto da criação dos filhos? Esta é tomada como coisa sabida, é feita de qualquer maneira, e as conseqüências são dolorosamente óbvias.

Portanto, se é que havemos de cumprir a injunção apostólica, devemos sentar-nos por um momento e ponderar sobre o que fazer. Quando chega o filho, devemos dizer a nós mesmos: somos os guardiães e os depositários desta alma. Que terrível responsabilidade! Nos negócios e nas profissões

os homens estão bem cientes da grande responsabilidade que pesa sobre eles quanto às decisões que têm de tomar. Todavia, estariam eles cientes da responsabilidade infinitamente maior que eles têm com respeito aos seus próprios filhos? Dedicarão a isso a mesma soma de tempo, pensamento e atenção para não dizer ainda mais tempo? Pesará tanto essa responsabilidade sobre eles como a que sentem quanto a estas outras áreas? O apóstolo nos concita a considerarmos esta como a maior atividade da vida, a maior coisa que existe para manejar e negociar.

O apóstolo não pára aí: "... criai-os", diz ele, "na doutrina e admoestação do Senhor". Os dois vocábulos que ele utiliza são carregados de interesse. A diferença entre eles é que o primeiro, "doutrina" (ou "educação" ou "ensino"), é mais geral do que o segundo. É a totalidade do ensino, da instrução, da criação do filho. Portanto, inclui a disciplina geral. E, como todas as autoridades concordam em assinalar, sua ênfase recai nas ações. O segundo vocábulo, "admoestação", refere-se mais às palavras ditas.

"Doutrina" é mais geral e inclui tudo o que fazemos pelas crianças. Inclui em geral todo o processo de cultivo da mente e do espírito, a moralidade e o comportamento moral, a personalidade completa da criança. Essa é a nossa tarefa. É olhar pela criança, cuidar dela, protegê-la. Já encontramos esse termo quando estivemos tratando da relação de maridos e esposas, onde nos foi dito que o Senhor "alimenta e sustenta" a Igreja (ou "alimenta a Igreja e dela cuida", Efésios 5:29). "Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à Igreja." Aqui nos é dito que façamos a mesma coisa quanto aos nossos filhos.

A palavra "admoestação" tem praticamente o mesmo sentido que "doutrina" exceto que dá maior ênfase ao falar. Assim, há dois aspectos desta questão. Primeiro, temos que

tratar da conduta e do comportamento gerais, das coisas que “temos que realizar mediante ações. Depois, em acréscimo, há certas admoestações que devem ser dirigidas ao filho, palavras de exortação, palavras de encorajamento, palavras de reprovação, palavras de censura. O termo empregado por Paulo inclui todas estas coisas; na verdade inclui tudo o que dizemos aos filhos em palavras reais, quando estamos definindo posições e indicando o que é certo e o que é errado, animando, exortando, e assim por diante. Esse é o sentido da palavra “admoestação”.

Os filhos devem ser criados “na doutrina e na admoestação” – e em seguida vem o acréscimo mais importante – “do Senhor”: “doutrina e admoestação do Senhor”. É aí onde os pais cristãos, engajados em seus deveres para com os seus filhos, estão numa categoria completamente diferente de todos os outros pais. Noutras palavras, este apelo dirigido aos pais cristãos não equivale simplesmente a exortá-los a criarem os seus filhos em termos da moralidade geral ou das boas maneiras ou de uma conduta recomendável em geral. Naturalmente isso está incluído; todos devem fazê-lo; os pais que não são cristãos devem fazê-lo. Devem estar preocupados com boas maneiras, com boa conduta em geral, com a fuga do mal; devem ensinar seus filhos a serem honestos, cumpridores do dever, respeitosos, e tudo mais. Essa é somente a moralidade comum, e o cristianismo não partiu daí. Mesmo escritores pagãos, interessados na boa ordem da sociedade, sempre exortaram os seus semelhantes a ensinar esses princípios. A sociedade não pode sobreviver sem um mínimo de disciplina, lei e ordem, em todos os níveis e em todas as idades. O apóstolo, porém, não está se referindo somente a isso; diz ele que os filhos dos cristãos devem ser criados “na doutrina e admoestação do Senhor”.

É neste ponto que o pensamento e o ensino peculiar e especificamente cristãos devem entrar. Em primeiro lugar,

nas mentes dos pais cristãos sempre deve estar a idéia de que os filhos precisam ser criados no conhecimento do Senhor Jesus Cristo como Salvador e como Senhor. Essa é a tarefa peculiar para a qual somente os pais cristãos são chamados. Esta não é somente a sua tarefa suprema; seu maior desejo, sua maior ambição quanto aos seus filhos deve ser que eles venham a conhecer o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador e como seu Senhor. Seria esta a nossa maior ambição com respeito aos nossos filhos? Isto vem em primeiro lugar? Pergunto: queremos que venham a “conhecer Aquele a quem conhecer é a vida eterna”, que O conheçam como Seu Salvador e que O possam seguir como seu Senhor? “Na doutrina e admoestação do Senhor!” São estes, pois, os termos empregados pelo apóstolo.

Chegamos agora à questão prática sobre como se deve fazer isto. Aqui, de novo, está uma questão que requer a nossa mais urgente atenção. Na própria Bíblia há abundante ênfase posta no treinamento dos filhos. Tomem, por exemplo, certas palavras que se acham no capítulo seis de Deuteronômio. Moisés tinham chegado ao fim da vida, e os filhos de Israel estavam prestes a entrar na terra prometida. Ele os fez lembrar-se da lei de Deus e lhes disse como deviam viver quando entrassem na terra da sua herança. E, entre outras coisas, foi muito cuidadoso ao dizer-lhes que deviam ensinar a lei aos seus filhos. Não bastava que a conhecessem e a praticassem, deviam passar adiante o seu conhecimento. Os filhos deviam receber o ensino, e nunca mais esquecê-lo. Por isso ele repetiu a injunção, registrando-a duas vezes no mesmo capítulo. Ela aparece novamente no capítulo 11 de Deuteronômio, e freqüentemente, aqui e ali, através de todo o Velho Testamento. Semelhantemente se acha no Novo Testamento.

É muito interessante observar, na longa história da Igreja Cristã, como este assunto particular sempre reaparece e recebe grande proeminência em todos os períodos de avivamento e

despertamento. Os reformadores protestantes preocuparam-se com isso e deram grande proeminência à instrução das crianças em questões morais e espirituais. Os puritanos lhe deram ainda maior proeminência e os líderes do Despertamento Evangélico, há duzentos anos, fizeram também a mesma coisa. Livros têm sido escritos e muitos sermões têm sido pregados sobre este assunto.

Naturalmente isto acontece porque, quando as pessoas se tornam cristãs, isto afeta inteiramente as suas vidas. Não é uma coisa meramente individual e pessoal; afeta a relação matrimonial e, assim, há muito menos divórcios entre os cristãos do que entre os incrédulos. Afeta a vida da família; afeta os filhos, afeta o lar; afeta todos os departamentos da vida humana. As épocas mais grandiosas da história da Inglaterra, e de outros países, sempre foram os anos que se seguiram a um despertar religioso, a um avivamento da religião verdadeira. O tom moral da sociedade se elevou nesses períodos; mesmo os que não se tornaram cristãos foram influenciados e afetados pelo avivamento.

Noutras palavras, não há esperança de tratamento dos problemas morais da sociedade, a não ser em termos do evangelho de Cristo. O que é direito jamais será estabelecido se não houver vida piedosa; mas quando as pessoas se tornam confiantes em Deus, começam a aplicar os seus princípios o tempo todo, e a justiça é vista na nação em geral. Contudo, infelizmente, temos que encarar o fato de que, por alguma razão, este aspecto da questão tem sido tristemente negligenciado no presente século. É parte do colapso que estivemos considerando, na vida, na moral e na família, no lar, e noutros aspectos da vida. É parte da louca afobação em que todos estamos vivendo e pela qual estamos tão influenciados. Por uma razão ou outra, a família não tem o valor de outrora, já não é o centro e a unidade que era anteriormente. Toda a idéia de família de algum modo sofreu declínio; e

deploravelmente, isto em parte é um fato nos círculos cristãos também. A importância central da família, que se vê na Bíblia e em todos os grandes períodos a que nos referimos, parece que desapareceu. Não se dá mais à família a atenção e a proeminência que outrora recebia. Isso torna muitíssimo importante que descubramos os princípios que devem governar-nos neste sentido.

Primeiro e antes de tudo, a criação dos filhos “na doutrina e admoestação do Senhor” é algo que deve ser feito no lar e pelos pais. Esta é a ênfase presente na Bíblia toda. Não é uma coisa que se possa confiar à escola, por melhor que ela seja. É dever dos pais, seu principal e essencial dever. É sua responsabilidade, e eles não devem passá-la a outrem. Dou ênfase a isto porque estamos todos cientes do que está acontecendo cada vez mais no presente século. Cada vez mais os pais estão transferindo as suas responsabilidades e os seus deveres para as escolas.

Considero isto uma coisa sumamente grave. Não há influência mais importante na vida de uma criança do que a influência do lar. O lar é a unidade fundamental da sociedade, e as crianças nascem num lar, para integrar uma família. Ali temos o círculo que vai constituir a principal influência na vida delas. Não há dúvida sobre isso. Este é o ensino bíblico, de capa a capa; e é sempre nas civilizações, assim chamados, em que as idéias concernentes ao lar começam a deteriorar-se, que a sociedade acaba por desintegrar-se.

E assim, cabe ao povo cristão considerar e reconsiderar com muito cuidado toda a questão das escolas com internato, quanto a se é direito mandar os filhos para algum tipo de vida institucional onde passam a metade de cada ano, ou mais, longe de casa e da sua influência especial e peculiar. Poderia isso ser conciliado com o ensino bíblico? A questão é urgente porque isto se tornou mais ou menos o costume e a prática de virtualmente todos os cristãos evangélicos

que dispõem de recursos para isso.

O ensino das Escrituras é que o bem-estar do filho, a alma do filho, sempre deve ser a consideração primária; e todos as questões de prestígio – para não empregar outra expressão – e todas as questões de ambição devem ser rigorosamente postas de lado. Qualquer coisa que milite contra a alma do filho e contra o seu conhecimento de Deus e do Senhor Jesus Cristo, deve ser rejeitada. Invariavelmente, o primeiro objeto de consideração deve ser a alma e sua relação com Deus. Por melhor que seja a educação oferecida por um internato escolar, se ela milita contra o bem-estar da alma, deve ser posta de lado. A promoção desse bem-estar é o elemento essencial da “doutrina e admoestação do Senhor”, e constitui a principal tarefa e dever dos pais.

No Velho Testamento se vê com muita clareza que o pai era uma espécie de sacerdote em sua casa e entre os seus familiares; ele representava a Deus. Era responsável não somente pela moralidade e pelo comportamento dos seus filhos, mas também por sua instrução. A ênfase da Bíblia, em todas as suas partes, é que este é o principal dever e missão dos pais. E continua sendo assim. Se afinal somos cristãos, temos que entender que esta grande ênfase se baseia nas unidades fundamentais ordenadas por Deus – o casamento, a família e o lar. Não se pode facilitar nestas coisas. É inútil dizer, como muitos dizem, sobre o envio dos filhos a internatos ou educandários: “E o que todos estão fazendo, e isso garante um excelente sistema de educação”. A pergunta deveras importante é: isso é bíblico, é cristão, é realmente servir aos interesses atuais e eternos da alma do filho?

Aventure-me a profetizar que a recuperação da espiritualidade e da moralidade na Grã-Bretanha poderá muito bem vir nesta linha de ação. Os cristãos deverão voltar a pensar por si mesmos. Precisamos tornar a ser pioneiros, como era o povo de Deus no passado, em geral; então os outros

nos seguirão. Devemos ponderar sobre até que ponto o sistema de internatos, mantendo os filhos longe de casa, é responsável pelo descabimento da moralidade neste país. Não estou pensando apenas nos pecados particulares das pessoas, e sim em toda a atitude dos filhos para com os seus respectivos lares. O lar não deve ser um lugar onde os filhos passam suas férias e os seus feriados. Entretanto, há muitas crianças cujos lares não passam disso; e seus pais, em vez de tratá-los como devem, tendem a dar-lhes tratamento indulgente por estarem em casa por pouco tempo. Nesse caso, perdeu-se toda a idéia de disciplina, e da criação dos filhos “na doutrina e admoestação do Senhor”. Mas talvez alguém argumente: existem muitas circunstâncias especiais. Havendo realmente circunstâncias especiais, eu concordo. Todavia, se não houver circunstâncias especiais, o princípio que expus deve ser a regra; e são bem poucas as circunstâncias especiais.

A tarefa principal do lar e dos pais é muito clara. Que é que os pais devem fazer? Devem suplementar o ensino ministrado pela igreja (que freqüentam), e devem aplicar o ensino da igreja. Tão pouco se pode fazer num sermão! Este deve ser aplicado, explicado, ampliado, suplementado. É aí que os pais têm seu papel a desempenhar. E se isso sempre foi certo e importante, quanto mais hoje! Pergunto aos pais cristãos: vocês já pensaram seriamente neste assunto?

Vocês enfrentam, talvez, tarefa maior do que a que seus pais jamais enfrentaram, e pela seguinte razão: considerem o que ora se ensina às crianças nas escolas. A teoria e hipótese da evolução orgânica lhes está sendo ensinada como sendo um fato. Não a apresentam como mera teoria ainda não comprovada, porém lhes dão a impressão de que é um fato absoluto, e de que todas as pessoas possuidoras de conhecimento científico e de boa cultura acreditam nela. E os que não a aceitam são considerados estranhos. Temos que enfrentar essa situação. A Alta Crítica referente à Bíblia está

sendo ensinada, com os seus supostos “resultados seguros”. Nas escolas há professores que conheço pessoalmente, os quais estão utilizando livros-textos publicados há trinta ou quarenta anos. Poucos deles têm consciência das mudanças ocorridas, mesmo entre os propugnadores da Alta Crítica.

Ensinam-se nas escolas coisas perversas às crianças, e estas as ouvem pelo rádio e as vêem na televisão. Toda a ênfase é contra Deus, contra a Bíblia, contra o autêntico cristianismo, contra o miraculoso e contra o sobrenatural. Quem avançará contra estas correntes? Essa é precisamente a incumbência dos pais – “Criai-os na doutrina e admoestação do Senhor”. Isto exige dos pais grande esforço na presente época, porque as forças contra nós são muito poderosas. Os pais cristãos hoje têm esta missão extraordinariamente difícil de proteger os seus filhos contra essas poderosas forças adversas que estão tentando doutriná-los.

Eis, pois, o cenário! Para ser prático, quero, em segundo lugar, mostrar como não deveria ser feito. Há um modo de tentar lidar com esta situação que é completamente desastroso, e que faz mais mal do que bem. Como não fazer isso? Nunca devemos fazê-lo de maneira mecânica, quase que “por números”, como se fosse uma espécie de tábua de exercícios. Lembro-me de uma experiência que tive, com relação a isto, faz uns dez anos. Fui hospedar-me com alguns amigos, quando estive pregando em certo lugar, e encontrei a esposa, a mãe da família, num estado de aguda angústia. Conversando com ela, descobri a causa da sua angústia. Certa senhora estivera fazendo palestras justamente naquela semana, sobre o tema: “Como criar todos os filhos, em sua família, como bons cristãos”. Foi um trabalho esplêndido! A preletora tinha cinco ou seis filhos, e organizara o seu lar e a sua vida de tal maneira que terminava todo o seu trabalho doméstico às nove horas da manhã, e depois se dedicava a várias atividades cristãs. Todos os seus filhos eram excelentes cristãos; e tudo era tão fácil,

tão maravilhoso! A mãe que me falava, que tinha dois filhos, estava dominada por um sentimento de verdadeira aflição, achando-se um completo e total fracasso.

Que poderia dizer-lhe? Isto: “Espere um momento; que idades têm os filhos daquela senhora?” Acontece que eu sabia a idade deles, e a senhora em aflição também sabia. Nenhum deles, naquela ocasião, tinha mais de dezesseis anos, ou por aí. Eu continuei: “Espere e veja. Aquela senhora lhe disse que todos os filhos dela são cristãos, e o que você precisa é de um esquema que deve executar com regularidade. Esperem um momento; a situação poderá ser diferente dentro de poucos anos”. E, lastimavelmente, veio a ser muito diferente. É duvidoso se mais de um daqueles filhos são cristãos. Vários deles são francamente anticristãos e deram as costas a tudo que tinham recebido da mãe. Não é possível levar os filhos a serem cristãos daquela maneira. Não é um processo mecânico e de forma alguma pode ser feito de modo tão frio e clínico. Ouvi dizer que a mesma senhora fez a mesma palestra em outro lugar. Ali esteve presente uma pessoa que tinha algum entendimento e algum discernimento. Tendo ouvido a preleção, esta outra senhora fez o que considerei um comentário muito bom. Quando deixava o recinto, virou-se para algumas amigas e disse: “Graças a Deus que ela não é minha mãe!” É para fazer rir, mas, ao mesmo tempo, há algo de trágico nisso. O sentido daquele comentário era que não havia amor ali, não havia calor. Eis aí uma mulher que se orgulhava de si mesma; fazia tudo “por números”, mecanicamente. Que mãe maravilhosa ela era! Esta outra mulher percebeu que não havia amor ali, que não havia compreensão real, que não havia nada que aquecesse o coração de um filho. O filho não é uma máquina, e, portanto, não se pode fazer este trabalho mecanicamente.

Tampouco se deverá agir de maneira inteiramente negativa ou repressiva. Se você der aos filhos a impressão de que ser

religioso é ser infeliz, e que a vida religiosa consiste de proibições e de constantes repressões, você os lançará nas garras do diabo, e no mundo. Nunca seja inteiramente negativo e repressivo. Constantemente encontro tragédias nesta área. Pessoas há que conversam comigo depois do culto e me dizem: “Esta é a primeira vez que entro num templo, depois de uns vinte anos”. Eu lhes pergunto: “Como é isso?” Então me contam que haviam reagido contra a aspereza e contra o caráter repressivo da religião em que tinham sido criadas. Não possuíam nenhuma concepção válida do cristianismo. O que viam não era cristianismo, mas uma severa religião feita pelo homem, um puritanismo falso. É pena, todavia ainda existem pessoas que somente apresentam uma caricatura do puritanismo verdadeiro, e nunca chegaram a compreender os seus reais ensinamentos. Viram o lado negativo, porém nunca viram o lado positivo. Isso causa grande dano.

Em terceiro lugar, ao criarmos os nossos filhos “na doutrina e admoestação do Senhor”, nunca deveremos fazê-lo de modo tal, que os torne pequenos fingidos e hipócritas. Também tenho visto muito disso. Para mim é muito triste, muito revoltante mesmo, ouvir crianças usarem frases piedosas que não entendem. Mas seus pais se orgulham delas e dizem: “Ouçam-nas, não é maravilhoso?” As crianças são novas demais para compreenderem tais coisas. Sei que muitas crianças gostam de brincar de pregar. Essa conduta infantil pode ser desculpável, porém quando se vêem pais achando isso maravilhoso e mandando as crianças fazerem isso diante da extasiada contemplação de adultos, é quase blasfêmia. Certamente é muito prejudicial às crianças. É transformá-las em pequenos fingidos e hipócritas.

Minha última negativa neste ponto é que nunca deveremos forçar a criança a “tomar uma decisão”. Que problema e que estrago essa atitude produz! “Não é maravilhoso?”, dizem os pais, “O meu pequeno Fulano, um simples rapazinho,

decidiu-se por Cristo.” Fora feita pressão constrangedora na reunião. No entanto, nunca se deveria fazer isso; é fazer violência à personalidade da criança. Em acréscimo, naturalmente, é demonstrar profunda ignorância do método de salvação. É possível levar uma criança a decidir-se por qualquer coisa. Os pais têm poder e habilidade para isso; mas é errado, é anticristão, não é espiritual.

Noutra palavras, jamais devemos ser muito diretos nesta questão, especialmente com uma criança; jamais devemos agir demasiado emocionalmente. Se o seu filho fica aborrecido quando você lhe fala de assuntos espirituais, ou se quando você fala com o filho de alguém e ele se aborrece, é evidente que o seu método é errado. Jamais se deve levar o filho a aborrecer-se com os assuntos espirituais. Se acontecer isso é porque estamos sendo diretos demais, ou estamos apelando demais para o emocional, ou estamos coagindo a criança. Não é assim que se faz esta obra.

Também nesta área sei de algumas verdadeiras tragédias. Lembro-me do caso de dois jovens em particular, antes de chegarem à idade de quinze ou dezesseis anos. Seus pais sempre os impulsionavam para diante. Num caso, um dos pais costumava escrever sobre os seus filhos e dava a impressão de que eles eram cristãos notáveis. Todavia, ambos esses jovens repudiaram inteira e completamente a fé cristã, e hoje não vêem nela nada de proveitoso. Os pais cristãos sempre devem lembrar-se de que estão lidando com uma vida, uma personalidade, uma alma. Meu conselho é: não coajam os seus filhos. Não os forcem a “decidir-se”. Conheço a ansiedade dos pais. É muito natural; porém, se somos espirituais, se somos “cheios do Espírito”, nunca faremos violência a uma personalidade, nunca faremos qualquer pressão injusta sobre os filhos. Portanto, os nossos ensinamentos nunca deverão ser exageradamente diretos, nem exageradamente emocionais. Jamais deveremos agir de maneira que os filhos sejam levados

a sentir-se desleais para conosco, se não professarem a fé. Isso é imperdoável.

Pois bem, qual é o método verdadeiro? Permitam-me dar algumas sugestões. Houve tempo em que era costume haver nas casas – e ainda o vejo às vezes – um pequeno quadro afixado na parede, com esta frase inscrita: “Cristo é o Chefe desta casa”. Não sou defensor dessa prática, mas havia uma coisa boa nessa idéia. Lemos no Velho Testamento que foram dadas instruções aos filhos de Israel, nestes termos: “E as escreverás (as palavras do Senhor) nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas” (Deuteronômio 6:9), em razão de que somos criaturas esquecidiças. Os protestantes primitivos costumavam pintar os Dez Mandamentos nas paredes dos seus templos, em parte pela mesma razão. Entretanto, quer exibamos um quadro quer não, sempre devemos dar a idéia de que Cristo é o Chefe da casa ou do lar.

Como dar essa idéia? Principalmente por nossa conduta geral e por nosso exemplo! Os pais devem viver de modo que os filhos sempre percebam que eles estão subordinados a Cristo, que Cristo é o seu Chefe. Esse fato deve ser óbvio em sua conduta, em seu comportamento. Acima de tudo, deve imperar uma atmosfera de amor.

“E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito.” Esse é o nosso texto dominante, nesta como em todas as demais aplicações particulares. O fruto do Espírito é amor, e se o lar estiver impregnado de uma atmosfera do amor produzido pelo Espírito, a maior parte dos seus problemas será solucionada. É isso que realiza a obra; não as pressões e os apelos, e sim uma atmosfera de amor.

Que mais? Conversação geral! À mesa ou onde quer que estejamos, a conversação geral é sumamente importante. Ouvimos, talvez, as notícias pelo rádio, e começa a conversação sobre as notícias. Grandes temas são mencionados – negócios

internacionais, política, problemas industriais etc. Uma parte da nossa tarefa, na criação dos nossos filhos “na doutrina e admoestação do Senhor”, é ver que mesmo essa conversação geral seja sempre conduzida em termos cristãos. Sempre devemos introduzir o ponto de vista cristão. Os filhos vão ouvir outras pessoas falando acerca das mesmas coisas. Talvez, ao caminharem pela rua, ouçam dois homens argumentando sobre as mesmas coisas que ouviram discutidas em casa. Depressa notarão uma grande diferença: toda a abordagem era diferente em casa.

Noutra palavras, o ponto de vista cristão deve ser introduzido na totalidade da vida. Quer vocês estejam discutindo questões internacionais quer locais, ou assuntos pessoais ou de negócios – seja o que for, tudo deverá ser considerado sob o título geral de cristianismo. Este é um ponto deveras vital, pois quando se faz isso, os filhos inconscientemente se dão conta do fato de que há um princípio normativo nas vidas dos seus pais; seu modo de pensar e tudo a seu respeito é diferente de tudo o que eles vêem e ouvem no mundo incrédulo. Toda a atmosfera é diferente. Assim os filhos, gradativamente, e em parte inconscientemente, se tornam cientes que existe um ponto de vista cristão. Essa é uma realização veraz. Uma vez que se apossam desse fato, o problema fica muito mais fácil.

O ponto subsequente é a resposta a perguntas. Aí os pais cristãos têm uma grande oportunidade. Às vezes é extremamente difícil, eu sei; mas nos é dada a oportunidade de responder perguntas. Gosto da maneira como esta questão é apresentada no capítulo seis de Deuteronômio, versículo vinte em diante: “Quando teu filho te perguntar pelo tempo adiante, dizendo: quais são os testemunhos, e estatutos, e juízos que o Senhor nosso Deus vos ordenou? Então dirás a teu filho: éramos servos de Faraó no Egito, porém o Senhor nos tirou com mão forte do Egito”, e assim por diante. Noutras

palavras, virá o dia em que os filhos farão perguntas como estas: “Por que vocês não fazem isto ou aquilo? O pai e a mãe do meu amiguinho fazem isto; por que vocês não fazem?” Aí vocês estarão recebendo uma oportunidade para criar o seu filho “na doutrina e admoestação do Senhor”. Contudo, se havemos de aproveitá-la, precisamos saber a resposta certa e ter habilidade para apresentá-la. Não poderão “dar a razão da esperança que há em vós” (1 Pedro 3:15), não poderão criar seus filhos “na doutrina e admoestação do Senhor”, se não conhecerem a Bíblia e os seus ensinamentos. “Por que vocês fazem isto, por que não fazem aquilo? Os pais dos meus amigos passam as noites em casas de diversão; vocês não. Passam as noites em clubes, passam as noites dançando; vocês não. Por que? Qual a diferença?”

Quando interrogados dessa maneira, vocês não devem menosprezar o filho e dizer: “Ora, somos diferentes, você vê, e é como preferimos.” Não; antes, vocês dirão ao seu filho: “No fundo, somos todos iguais, para começar; e não é por sermos naturalmente melhores do que os outros que nos portamos desta maneira diferente. Não é essa a explicação. Não é porque nós temos certos temperamentos e os outros pais têm outros diferentes. Todos nascemos “em pecado”, todos somos, por natureza, escravos de várias coisas. Há algo de errado dentro de todos nós, há um mau princípio em nós, e nenhum de nós conhece verdadeiramente a Deus. Você vê, a diferença é esta, que Deus nos fez ver como são erradas certas coisas. Mas nós continuaríamos sendo semelhantes aos pais dos seus amigos, se não tivéssemos crido e conhecido que Deus enviou ao mundo o Seu Filho único, o Senhor Jesus Cristo, a respeito de quem você já ouviu, para resgatar-nos, para libertar-nos”.

É assim que se introduz o evangelho; vocês terão que decidir quanto comunicar. Depende da idade do filho. Mas respondam as suas perguntas, façam-no saber, façam-no saber

com exatidão, quando ele fizer suas perguntas, por que vocês vivem como vivem. Vocês não devem impingir nada nele, não devem pregar para ele; mas, se ele fizer perguntas, falem com ele, falem com muita simplicidade. Digam-lhe cada vez mais coisas, à medida que ele vá crescendo; porém estejam sempre prontos para responder suas perguntas. Procurem conhecer bem os fatos, compreender bem o evangelho, estructurem-se sobre o evangelho para poder transmiti-lo e infundi-lo. Assim vocês poderão criar os seus filhos “na doutrina e admoestação do Senhor”.

Depois, vocês poderão orientar a leitura deles. Levem-nos a lerem boas biografias. As biografias exercem atração sobre eles. Orientem a leitura deles de várias maneiras; induzam-lhes a mente na direção certa, e procurem familiarizá-los com as glórias da fé cristã em ação.

Que mais? Sempre tenham o cuidado de dar graças a Deus toda vez que fizerem alguma refeição, e pedirem a bênção de Deus sobre ela. Quase ninguém faz isso hoje em dia, exceto os que de fato são cristãos. Se os seus filhos se habituarem a ouvi-los darem graças, e a repetirem a ação de graças, e a suplicarem bênção, isto lhes fará algum bem. Vão além. Tenham o que se chama altar familiar (ou culto doméstico), o que significa que pelo menos uma vez por dia vocês e os seus se reunirão como família ao redor da Palavra de Deus. O pai, como chefe da casa, deverá ler uma porção das Escrituras e elevar uma oração singela. Não precisa ser longa, mas que leve ao reconhecimento de Deus e a agradecer a Deus a dádiva do Senhor Jesus Cristo. Vocês devem levar os filhos a ouvirem com regularidade a Palavra de Deus. Se lhes fizerem perguntas sobre ela, respondam-lhes. Dêem-lhes instrução à medida do possível. Sejam prudentes, sejam judiciosos. Não façam da sua instrução uma coisa desagradável, odiosa, maçante; façam dela algo que eles mesmos anseiem, de que gostem, em que achem prazer.

Noutras palavras – em suma – o que nos compete fazer é apresentar um cristianismo atraente. Devemos dar aos nossos filhos a idéia de que o cristianismo é a coisa mais maravilhosa do mundo; e de que não há nada no mundo que se compare a ser cristão. Devemos criar dentro deles o desejo de serem parecidos conosco. Eles nos observam e vêem a alegria que sentimos, e o modo como nos maravilhamos e nos enchemos de admiração pela vida cristã. Oxalá digam a si mesmos: espero chegar à idade dos meus pais, para poder ter o gozo que obviamente eles têm. Nosso método jamais deverá ser mecânico, legalista, repressivo. Nosso testemunho nunca deve ser forçado, mas, em tudo o que somos, fazemos e dizemos, saibam eles que somos “escravos cativos de Jesus Cristo”, que Deus, em Sua graça, abriu os nossos olhos e nos despertou para a coisa mais gloriosa do mundo, e que o nosso maior desejo para com eles é que entrem no mesmo conhecimento e tenham o mesmo gozo, e tenham o mais alto privilégio possível neste mundo, o de servir ao Senhor e de viver para o louvor da glória da Sua graça (cf. Efésios 1:6,12,14).

Seja qual foro seu trabalho, seja negócio ou profissão liberal ou trabalho manual ou pregação, façam todas as coisas para a glória de Deus, e, desse modo, estarão criando os seus filhos “na doutrina e admoestação do Senhor”.



Uma das maiores questões na nossa sociedade hoje é o status e o papel das mulheres. “Demais vezes”, escreve W. J. Chantry, as mulheres têm sido “menosprezadas... sujeitas a abusos verbais, sociais e físicos”. No entanto, como deveriam as mulheres responder? Como será possível para uma mulher encontrar um papel na vida que lhe traga verdadeira dignidade e realização, e que exija o máximo de todas as suas capacidades? Walter Chantry dá uma resposta a essas perguntas que revolucionaria a nossa sociedade se fosse colocada na prática.

Editora PES, 32 p.



Pais cristãos deveriam reunir suas famílias cada dia para ensino espiritual e oração. Esta oportunidade deve ser aproveitada quando as crianças ainda são pequenas. Até uma criança com dois anos de idade pode baixar a cabeça, e dizer “Amém” no fim de uma oração. Este Catecismo foi publicado para ajudá-lo a ensinar a Palavra de Deus aos seus filhos. O louvor com a família poderia muito bem incluir: duas ou três estrofes de um hino, a leitura de alguns versículos da Bíblia, perguntas e respostas do Catecismo, oração. Nunca seja monótono ou cansativo. Todos os itens acima podem ser completados no espaço de dez minutos. Varie a forma e a ordem. Encoraje as crianças a orarem. Use a imaginação para tornar mais atraente e interessante o tempo de louvor com a família. As crianças estarão, às vezes, prontas para discutir as respostas do Catecismo com você. Elas gostarão de procurar os textos onde se encontram as verdades do Catecismo. Ore e peça a direção e a ajuda do Espírito Santo. Deus o honrará se for fiel. Lembre-se da promessa: “Instrue ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele” (Provérbios 22:6).

Editora PES, 32 p.